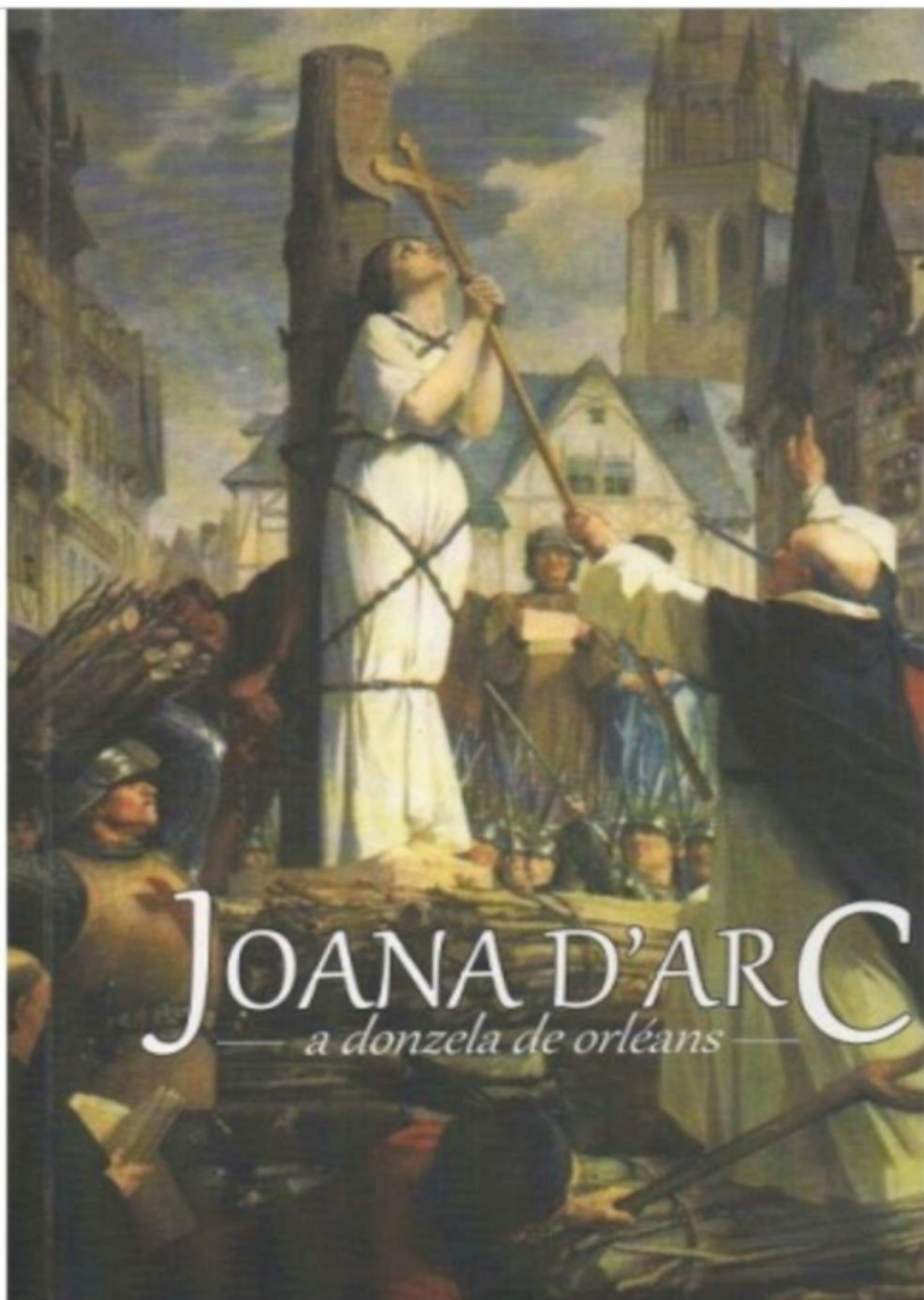


A painting depicting Joan of Arc standing on a wooden structure, holding a staff with a cross, surrounded by soldiers and a church in the background. The scene is set in a town square with a large church in the background. Joan of Arc is the central figure, wearing a white dress and holding a staff with a cross. She is surrounded by soldiers in armor, some of whom are holding spears. The background shows a town square with a large church and other buildings. The overall tone is dramatic and historical.

JOANA D'ARC  
— a donzela de orléans —



# JOANA D'ARC

— a donzela de orléans —

**JOANA D'ARC**  
**A Donzela de Orléans**

JOSÉ BERNARD, S.J.





**JOANA D'ARC**  
**A Donzela de Orléans**

**JOSÉ BERNARD, S.J.**

© Santa Cruz – Editora & Livraria, 2016

## **ILUSTRAÇÃO PÁGINA 02**

Joana d’Arc e a Coroação de Carlos VII na Catedral de Reims.

Óleo de Jean Auguste Dominique Ingres, 1854.

Os direitos desta edição pertencem à

**Santa Cruz - Editora & Livraria**

Loja virtual: [www.stacruzartigoscatolicos.com.br](http://www.stacruzartigoscatolicos.com.br)

E-mail: [atendimento@stacruzartigoscatolicos.com.br](mailto:atendimento@stacruzartigoscatolicos.com.br)

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

#### **B518**

Bernard, José

Joana d’Arc: A Donzela de Orleans / José Bernard - 1ª ed. - São Caetano do Sul, SP: Santa Cruz Editora e Livraria, 2016.

158p.

ISBN: 978-85-5932-001-5

1. Igreja Católica. 2. Biografia de Santos.

I. Título

CDD: **230**

CDU: **2-282**

Reservado todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

# Sumário

PREFÁCIO

A GRANDE MISÉRIA

ÂNSIA DE SALVAÇÃO

A MENINA DE DOMRÉMY

AS VOZES DO CÉU

O CHAMAMENTO

NA CORTE REAL

A VIRGEM DE ORLÉANS

A BATALHA DE PATAY

A COROAÇÃO DO REI EM REIMS

A PRISÃO DE JOANA D'ARC

IGREJA CONTRA IGREJA?

MOTIVOS POLÍTICOS DO PROCESSO

O JUIZ

VALOR JURÍDICO DO PROCESSO

OS ASSISTENTES

A ACUSADA

CURSO DO PROCESSO

A ACUSAÇÃO

ABJURAÇÃO

A RELAPSA

SUPREMO SACRIFÍCIO

A ATITUDE DO REI

INTRODUÇÃO DO PROCESSO

JUVENTUDE E ÉPOCA GUERREIRA

OS ADVERSÁRIOS

FALSIFICAÇÕES

IRREGULARIDADES ESSENCIAIS

PRUDÊNCIA DE JOANA

SUJEIÇÃO À IGREJA

MÁRTIR DA VIRGINDADE

MORTE DE JOANA

REABILITAÇÃO

EPÍLOGO

APÊNDICE

NOVENA A SANTA JOANA D'ARC

## PREFÁCIO

Uma donzela de 19 anos enche de admiração a quantos apreciam a verdadeira grandeza humana. Não é nenhuma “estrela” do cinema que, talvez sem personalidade própria, só sabe representar outras personagens. Joana d’Arc, a Donzela ou Virgem de Orléans, não representou, mas viveu seu próprio drama no qual, inabalável e invicta, foi merecedora de glória imortal.

Três coroas cingem-lhe a fronte:

A primeira, tecida de louro, galardoa a guerreira intrépida e vitoriosa. Somente nas lendas se viu semelhante coroa na cabeça de uma mulher.

A segunda coroa, composta de palmas, é o prêmio da mártir, da inocência perseguida, caluniada, maltratada e sacrificada na horrenda fogueira.

Finalmente a terceira coroa, de intacta alvura, ostenta os lírios imortais da virgindade.

Uma glória tão genuína da Igreja Católica não devia permanecer no esquecimento que injustamente a cobria durante séculos. No século passado a França se lembrou de sua salvadora. Muito contribuiu para este ressurgimento a edição dos processos de condenação e reabilitação, feita em 1841-49, em 5 volumes, por J. Quicherat. Uma nova edição em 2 volumes apareceu em 1920. No mesmo ano uma lei elevou o aniversário da morte de Joana d’Arc – 30 de maio – a festa nacional.

A cidade de Orléans e o Episcopado francês esforçaram-se por honrar, tornar conhecida e levar à honra dos altares a virgem mártir. Apareceram artigos, geralmente sobre questões litigiosas, e biografias, constituindo farta literatura. Sua vida e sorte tão extraordinárias empolgaram também os poetas, que, com maior ou menor fidelidade histórica, cantaram seu louvor.

Citemos: Shakespeare (em Henrique VI), Voltaire, Schiller, Shaw, Claudel.

No Brasil, Joana d'Arc já não é uma desconhecida. Em 1920, ano da canonização, os salesianos editaram uma resumida Vida de Santa Joana d'Arc. Em 1935 o escritor gaúcho Érico Veríssimo contou de modo ameno a sua vida. O autor reproduz bem o ambiente histórico, confundindo e misturando, porém, verdade e lenda.

Antes de escrever o presente estudo histórico consultamos ainda: *Giovanna d'Arco dettala Pucella d'Orleans*, de Andrea Beltrami; *Sainte Jeanne d'Arc*, par L. H. Petitot, O. P.; *Die Jungfrau von Orléans* von Charlotte Lady Blennerhasset; *Allgemeine Weltgeschichte* von Theodor Flathe; *Geschichte des Mittelalters*; Lexikon für Theologie und Kirche; *Der Grosse Brockhaus*; *Stimmen der Zeit*; *Acta Apostolicae Sedis*, Vol. I, 1909 (beatificação) e Vol. XII, 1920 (canonização).

Em nossos dias o sueco Sven Stolpe fez um estudo crítico em que separa nitidamente o lendário, o incerto e o histórico provado (Sven Stolpe, *Das Miidchen von Orléans*. Deutsch von Alfred von Sterneck. 3. Auflage 1958. J. Knecht, CarolusDruckerei, Frankfurt a. M.)

Apareceu também, em 1956, uma nova edição dos processos de Joana d'Arc, elaborada por Ruth Schirmer-Imhoff. A primeira edição deste gênero em língua alemã (Editor: J. B. Bachem, Köln).

Estas duas obras contêm praticamente o que sabemos de Joana d'Arc. Ao leitor, desejoso de informações seguras, remetemos a estes dois autores. Encontrará aí mais por extenso o que nosso trabalho conta resumido. Nas outras obras encontramos os mesmos pormenores, mas frequentemente interpretações diferentes. Elas nos induziram a discordar ocasionalmente de Sven Stolpe, como o anotamos na ocorrência. Evitamos na medida do possível questões duvidosas e controvertidas.

Apesar de Joana d'Arc pertencer ainda à Idade Média, temos sobre ela notícias abundantes e de rara precisão. De outras personagens célebres do passado só temos informações incompletas e duvidosas, transmitidas por cronistas que registravam quase indiferentemente notícias certas e meros boatos. De Joana d'Arc temos as atas fidedignas de dois processos jurídicos que ilustram mutuamente. O quadro histórico é completado por esparsas notícias, encontradas em crônicas locais da mesma época.

A finalidade desta brochura é tornar conhecida a vida extraordinária da virgem guerreira e mártir e esclarecer dúvidas, suscitadas pelo influxo sobrenatural, orientador de seu comportamento, e pelo processo escandaloso instituído por pessoas eclesiásticas, em parte enganadas, em parte francamente indignas. A apoteose da solene reabilitação em 1456 e a canonização em nossos dias - 1920 - esclarecem a verdadeira posição e mente da Igreja Católica. Infelizmente, a propaganda anticatólica dos nossos protestantes, espíritas e maçons pretende tirar da heroína de Orléans argumentos contra a Igreja Católica.

# **I PARTE: A SALVADORA DA FRANÇA**

## **CAPÍTULO I**

### **A GRANDE MISÉRIA**

Raras vezes na história um país jazia tão degradado como a França no princípio do século XV. Esquecidas estavam as glórias do passado, do Clodoveu, o fundador do reino, que merecera o título de “Rei Cristianíssimo”, e de Luís IX, o Santo.

Desde 1338 o país fora invadido pelos ingleses, num esforço tenaz de subjugá-lo à sua coroa. A guerra havia de durar mais de cem anos. No princípio os invasores eram vitoriosos em Crécy e Poitiers. Mas Carlos V reconquistou quase todas as regiões perdidas.

Infelizmente Carlos V, o Sábio, morreu jovem e o menino que, em 1392, lhe sucedeu no trono, Carlos VI, deu logo sinais inequívocos de alienação, estado que ficou até a sua morte em 1422.

Com este acúmulo de desgraça que se juntava aos efeitos devastadores e desmoralizadores de uma guerra tão prolongada, a França chegou ao estado de prostração que entrou na memória da posteridade como “la grande pitié”: A grande miséria.

O historiador Petitot resume-o do modo seguinte: “Um rei louco, uma rainha sensual e traidora, dois duques ambiciosos e rivais, o conquistador inglês, dois assassinios políticos, uma derrota desastrosa, uma revolução, a peste, um tratado que entregava Paris e a França ao inimigo hereditário, extensos campos sem vida e seus moradores

refugiados nos matos, reduzidos à miséria ou transformados em salteadores”.

Os pormenores deste quadro tétrico desenrolar-se-ão diante dos nossos olhos nas linhas que seguem. A desgraça aumentou ainda por crises econômicas, que esvaziaram o tesouro nacional, impossibilitando o recrutamento de tropas, tão necessárias na guerra contra o invasor inglês. Só um milagre podia salvar a França.

O país infeliz almejava por um salvador, que a providência divina estava preparando no silêncio e recolhimento de uma alma escolhida.

\*\*\*

Entraram em cena dois duques, cuja rivalidade mergulhou a França em gravíssimas desordens políticas, o Duque Filipe de Borgonha, a quem pouco depois sucedeu a João sem Medo, e o Duque Luís de Orléans.

Luís de Orléans era irmão do infeliz rei Carlos VI e governava em seu lugar. As intenções do regente eram retas, mas sua vida imoral não lhe merecia a estima do povo. Era amante da cunhada Isabel, a mal afamada esposa do rei enlouquecido, e ao mesmo tempo tinha relações semelhantes com a mulher do próprio rival, o Duque de Borgonha.

Do seu lado, João sem Medo, o Duque de Borgonha; era o grande adversário do regente Luís de Orléans. Sem dúvida as relações do rival com a duquesa-mãe bastavam para suscitar inimizade entre os dois duques. Além disto, João sem Medo era um dos príncipes mais poderosos, não só da França, mas também da Europa. Dominava na Borgonha e no Flandres. Em sua ambição, julgava que não era a um rei louco e que a ele mesmo, o vassalo mais poderoso da França, competia a coroa de Clodoveu e de São Luís.

Em novembro de 1407 os dois rivais encontraram-se em Paris para “fazer as pazes”. No dia 22 estavam sentados ainda, lado a lado, num solene banquete. No dia seguinte o

regente Luís de Orléans foi encontrado assassinado nas ruas da capital.

Ninguém duvidava do autor. João sem Medo achou prudente abandonar sem demora o cenário do seu crime. Retirou-se para Flandres.

Apesar do ocorrido, o povo estava do seu lado. Odiava o regente assassinado por causa de sua dureza na arrecadação dos impostos. Também na nobreza e na influente universidade de Paris a vida imoral do defunto não estava esquecida. O Duque de Borgonha podia contar com a capital, que logo entrou em franca rebelião contra o rei.

Ambos os partidos dirigiram os olhos para a Inglaterra, pedindo auxílio. Ali reinava Henrique IV, que nobremente reconhecia os direitos do rei Carlos VI e, se não o podia socorrer, ao menos não o guerreava. Mas a situação mudou quando o trono foi ocupado por seu filho Henrique V, rei talentoso e chefe militar experimentado. O novo soberano inglês fomentava planos ambiciosos, querendo ser rei conjuntamente da Inglaterra e da França.

Renovou a guerra que já durava quase 80 anos, entrando na França à testa de um grande exército, treinado segundo novos princípios.

O Duque Carlos de Orléans, filho do regente assassinado, enfrentou o invasor com todas as forças que conseguira reunir. Travou, em 1415, a batalha de Azincourt, tão desastrosa para a França que morreram mais de quinze mil homens e só mil e quinhentos restaram com vida. A flor da nobreza jazia no campo de batalha. O próprio duque foi preso e levado à Inglaterra. Em consequência da vitória de Azincourt, Henrique V tinha diante de si o país indefeso. Conquistou em seguida a Normandia.

O Duque de Borgonha, João sem Medo, traíra seu rei. Por um tratado secreto aliara-se ao invasor e mantivera-se inativo diante de seus sucessos militares. Em 1418 entrou

em Paris, onde foi recebido solenemente. Existiam então três chefes na França: Henrique V na Normandia, João sem Medo em Paris, e o legítimo rei da França ao sul do rio Loire. Vivia ainda Carlos VI, o infeliz alienado. Mas desde 1416 tinha sucessor no seu filho Carlos VII, de 13 anos de idade.

O perigo era grande. Para impedir novas conquistas do invasor inglês, os conselheiros eram de aviso que o rei devia entender-se com João sem Medo, o poderoso duque. Combinaram uma entrevista.

No dia 10 de setembro de 1419, o jovem rei avançou lentamente numa ponte do rio Yonne, ao sul de Paris. Do outro lado aproximou-se João Sem Medo. Encontraram-se no meio da ponte, dando-se as mãos. A poucos passos pararam os nobres do séquito.

A entrevista descambou rapidamente em discussão. “Para que conferenciar com um rapaz que assim mesmo não pode decidir nada sem a aprovação do seu pai louco!” Exclamou o duque e virou as costas ao príncipe herdeiro que, triste, deu volta também para se retirar. No mesmo instante João sem Medo caiu por terra com o crânio partido.

O que acontecera? Parece que um cavaleiro de Carlos VII, Tanneguy Duchâtel, furioso por causa da injúria feita a seu senhor, lançou-se sobre o duque e o abatera com o machado de guerra. Assim o assassino Duque de Orléans recebeu o castigo do seu crime.

É deprimente considerar o estado da França que seguiu a este dia funesto. O público imputava ao rei a autoria do crime. O parlamento de Paris declarou-o indigno da sucessão ao trono. A própria mãe de Carlos VII, Isabel, ligou-se com Filipe de Borgonha, chamado o Bom, filho de João sem Medo. Foi ela também que encaminhou o enlace matrimonial de sua filha Catarina, irmã de Carlos VII, com o invasor Henrique V.

O casamento foi celebrado com pompa inaudita em Troyes, no dia 2 de junho de 1420. O dia é tristemente memorável porque ratificou solenemente um tratado já combinado antes em Arras, tratado funesto, em que Isabel, a rainha-mãe desnatural, junto com Filipe o Bom, o vassalo infiel, e a França dominada pelos invasores, escolhiam Henrique V como seu rei. A partir daquele dia ele se chamava rei da França e da Inglaterra. Morreu em 1422 e o título de rei de ambos os países passou a seu filho Henrique VI.

Para compreender melhor o processo contra Joana d'Arc, a paladina do legítimo rei da França, devemos considerar a mudança que se operou na mente de muitos franceses. A própria mãe de Carlos VII, mais o Duque de Borgonha, o parlamento e a universidade de Paris, muitos nobres e o povo em geral, começaram a considerar legítima a causa dos ingleses. Muitos aderiram de boa fé. Para eles Carlos VII era o usurpador, combatê-lo era cruzada santa; favorecê-lo, como fazia Joana d'Arc, só podia ser obra criminosa e diabólica.

Entretanto Carlos VII não ousava mais ultrapassar o rio Loire. Jovem, inexperiente e indeciso, estava nas mãos de conselheiros fracos, ambiciosos e desunidos. A “grande miséria” chegou a seu auge. O país era saqueado pelos exércitos em guerra e por salteadores. O valor da moeda caiu à duodécima milésima parte do nominal. Fugiam os camponeses com seus rebanhos. O país mergulhou num “silêncio completo, em que nem se ouvia um galo cantar”.

Os ingleses, chefiados pelo Duque de Bedford, irmão de Henrique V, conquistaram uma cidade após outra. Em 1424 foi aniquilado o exército francês na batalha de Verneuil, desastre que se junta à série de Crécy, Poitiers e Azincourt. Em 1427 foi assediada a importante fortaleza no rio Loire: a cidade de Orléans.

Se Orléans caísse, estaria provavelmente decidida a sorte da França.

\*\*\*

Ao sul do Loire, trocando várias vezes de residência, vivia o triste filho de um rei alienado. Carlos VII ainda não estava coroado. Como príncipe herdeiro era chamado Dauphin (Delfim), único título que Joana d'Arc depois lhe concedeu até o dia da coroação. Ela o chamava de “gentil Dauphin”, embora tivesse um exterior quase repelente. Apesar da tara que nele pesava, não era o degenerado, como a história o caracterizou. Na política dependia dos seus conselheiros, no trato era generoso e sabia ser grato a vassallos fiéis.

Na noite de Todos os Santos de 1428 o Dauphin se prostrou na sua capela e dirigiu a Deus a pergunta desesperada sobre seu futuro. Podia considerar-se autorizado a prosseguir na luta pelo trono da França? Ou seria que Deus escolhera o pretendente inglês?

Coragem, “gentil Dauphin”, no momento Deus se cala, mas em breve Ele te dará uma resposta única na história.

## CAPÍTULO II

# ÂNSIA DE SALVAÇÃO

Nos dias da “grande miséria”, em que a França se via tão profundamente degradada, corriam, como não podiam faltar, inúmeros boatos de boca em boca. Sven Stolpe conta:

O bruxo e visionário Merlin teria profetizado que a França seria salva por uma virgem com trajes de homem. E mais, acreditava-se que esta jovem viria da Lorena. Uma das testemunhas no processo (contra Joana d'Arc) afirmou ter lido num livro velho que esta virgem sairia de um mato de carvalho na Lorena. Não importa que Merlin falasse de um país diferente. O que aqui interessa é o fato de tais boatos existirem antes da aparição de Joana d'Arc.

Diante do “Dauphin” apareceu uma piedosa mulher, Marie d'Avignon, contando suas visões relacionadas com os sofrimentos inauditos da França. Uma voz lhe comunicara que a calamidade havia de crescer ainda. Apareceu-lhe uma armadura. Assustada pensou ter de usá-la. Mas a voz esclareceu: Viria uma virgem que devia vesti-la, vencer os inimigos e salvar o reino da França.

A comissão que antes da libertação de Orléans examinou Joana d'Arc, conhecia também estes boatos e vaticínios, constatando que então estavam realizados.

A própria Joana d'Arc ouvira os mesmos rumores. No terceiro interrogatório de seu processo (24-2-1431) ela disse o seguinte: “Quando me apresentei ao rei, aconteceu que me perguntaram se havia na minha terra certo mato, o “mato branco”, pois dali devia, segundo certos vaticínios, vir uma menina que faria milagres. Mas eu não acreditei”.

Já antes de sair de Domrémy, sua terra natal, Joana disse a uma amiga: “Irei ter com o Dauphin e lhe

perguntarei se não conhece a profecia, segundo a qual a França seria arruinada por uma mulher e depois restabelecida por uma virgem lorena”.

Estes boatos, ou talvez no caso de Marie d'Avignon, verdadeira profecia, prepararam o caminho de Joana d'Arc. Poder-se-ia duvidar que a ignorante menina tivesse nutrido a ilusão de ser ela a designada e que a ideia fixa a tivesse elevado acima da sua condição, fazendo dela a salvadora da França. O desenrolar dos acontecimentos responderá e esclarecerá as dúvidas, excluindo o influxo da ilusão e a ideia fixa preconcebida.

## CAPÍTULO III

### A MENINA DE DOMRÉMY

Quando em 1412 nasceu Joana, a quarta filha de Jacques d'Arc e Isabelle Romée, ninguém pensou nas profecias, que se contavam em todas as casas. O futuro da menina parecia o comum de todas as crianças, nascidas em condições humildes: seria o que eram seus pais, como as demais meninas da mesma aldeia, uma camponesa laboriosa, uma boa mãe de família.

Em Domrémy, aldeia lorena, onde se achava a casa paterna, não havia escola. A menina não aprendeu a ler e escrever. O único que Joana sabia eram as verdades da fé, ensinadas por uma inteligente e enérgica mãe. Foi dela que aprendeu a fazer o sinal da cruz e a rezar o Creio em Deus Pai, o Pai-Nosso e a Ave-Maria.

Quando Joana saía de casa, via na próxima vizinhança a igreja paroquial, que cada vez mais a atraía. Ao badalar dos sinos, soando o *angelus*, ela fazia o sinal da cruz e ajoelhava-se. Fora da aldeia, numa elevação, havia uma capelinha, consagrada a Nossa Senhora de Bermont. Muitas vezes, de preferência nos sábados, Joana visitava aquela imagem e, quando possível, acendia uma vela em honra da Mãe de Deus.

Se assim desabrochava uma piedade precoce e exemplar, contudo, a pequena não se afastava da convivência das amigas. A oeste de Domrémy havia um capão de carvalhos que mais tarde ficou célebre pelas profecias acima mencionadas. Junto do capão havia uma fonte e não longe dela, uma grande faia. Ali a menina se divertia, fazendo coroas de flores que pendurava na faia, e cantava e dançava até a noite. Quem a distinguiria das outras meninas?

Àquelas árvores e à fonte ligavam-se lendas de fadas e forças mágicas. Joana conhecia-as bem e foi interrogada demoradamente sobre elas no processo condenatório. Mas podia sempre afirmar que não dera nunca fé àquelas lendas nem procurara efeitos mágicos.

Aos poucos, sem quase o notar, Joana começava a diferenciar-se das outras crianças. Sua piedade aprofundava-se. Tornou-se solitária e cuidava com desvelo dos afazeres domésticos. Mais tarde declarou com certo orgulho não haver mulher em Rouen, cidade do processo, que lhe levasse a melhor na arte de costura. Não praguejava. Ocasionalmente cuidava com especial carinho dos doentes. “Era admiravelmente boa”, disse dela mais tarde Hauviette, sua melhor amiga, e na sua velhice o vigário de Domrémy recorda-se que “nunca viu nem teve em sua paróquia menina melhor”. Este testemunho do velho cura de almas é relatado na bula de canonização, que também menciona a rara virtude de Joana, quando tinha apenas 12 anos, ainda não agraciada pelas “vozes”, que ouviria no ano seguinte.

Esses anos de juventude não passaram sem aflição. Eram os piores anos da guerra. Os habitantes de Domrémy estavam sempre prontos para se refugiarem com famílias e gado num castelo que se elevava numa ilha do rio Mosa, fronteira à Lorena e à Campanha.

Certa vez, quando Joana tinha catorze anos, o povoado foi inopinadamente atacado por salteadores. Todo o gado e muitos bens foram roubados. Provavelmente houve mortos entre os habitantes. A menina aprendeu cedo a conhecer lutas sangrentas. Não passarão muitos anos e, apesar de ser do sexo frágil, ela própria participará dos horrores da guerra.

Joana era menina comum e nada de extraordinário aparecia nela. Era sadia, robusta, e sua agilidade corporal causava admiração. “Por vezes a víamos correr tão depressa que nem parecia tocar o solo com os pés”, disse

mais tarde uma amiga. Dotada de mente sadia e equilibrada, aborrecia tudo o que lembrava magia e superstição. Mais tarde, no processo, seus depoimentos claros e suas saídas espirituosas revelam memória rara e feliz, grande inteligência e, em especial, juízo são, sem qualquer vestígio de alucinação e histeria. Mas precisamente esta aldeã, simples e ignorante, teria experiências sobrenaturais que até hoje não tiveram repetição.

## **CAPÍTULO IV**

### **AS VOZES DO CÉU**

Joana tinha 13 anos quando, num dia que a história nunca fixou, ouviu uma voz “divina, boa e nobre”, que não saía de boca humana. Eram 12 horas. Dia de verão. A menina achava-se sozinha no jardim da casa paterna. A voz vinha da direita, do lado da igreja e estava acompanhada de viva luz. A voz lhe recomendou de atender bem a si mesma e de frequentar diligentemente a igreja.

A menina, desprevenida, estava profundamente assustada. Nos dias seguintes a voz voltou. Na terceira vez Joana soube que era o arcanjo São Miguel que lhe falava, o príncipe dos exércitos celestes, o padroeiro da casa Valois, reinante, e da própria França.

O poderoso arcanjo não se restringiu a ser “voz”. Mostrou-se também visivelmente à menina agraciada, que o contemplava com indizível prazer. O príncipe do céu estava rodeado de muitos outros anjos. “Eu os via com meus próprios olhos tão distintamente como vos vejo. E quando desapareciam, chorava, e teria desejado que me tivessem levado consigo”, disse ela mais tarde a seus juízes em Rouen. Foi exclusivamente naquele processo que Joana declarou ter visto aparições. Em outras ocasiões se referia só às “suas vozes”, o que faz supor que São Miguel e mais tarde as santas mártires lhe falavam geralmente sem tomar aparência visível.

O primeiro desconsolo em breve se desfez, porque a aparição não mais a abandonava. Voltava frequentemente, duas ou três vezes por semana. Pouco depois o arcanjo se fez acompanhar e finalmente substituir por Santa Catarina e Santa Margarida. Eram aparições majestosas, com ricas coroas na cabeça. Joana via-as, tocava e sentia a fragrância que espalhavam, mas em geral referia-se a elas só como a

“vozes” que ouvia, “suas vozes”. Sabia que eram virgens e mártires, mas o que não podia imaginar era a razão por que Deus as escolhera para esta missão: seriam guias e protetoras da virgem e mártir Joana, futura salvadora e santa ideal da França católica.

A partir daqueles dias começou para Joana uma vida nova, misteriosa, reclusa no seu interior. O mundo exterior ia perdendo suas atrações. Mais e mais se concentrava em si mesma. Com seriedade e constância tratava de executar os conselhos que recebia. Retraía-se dos homens. As “vozes” visitavam-na no jardim, no silêncio do mato, perto da fonte... Às vezes esperava em vão, mas elas reapareciam quando tocavam os sinos da paróquia, cujos sons sagrados a tornavam surda para o ruído do mundo e os surtos rebeldes da própria natureza.

Os conterrâneos viam com estranheza os hábitos inusitados da simples camponesa. Que retraimento, que frequência de visitas à igreja, que concentração extática!

Os vizinhos troçavam dela, e ela corava. O vigário achou que se confessava vezes demais. As amigas riam dela. Não compreendiam que a menina, que antes dançava com elas debaixo da grande faia, aborrecesse agora os inocentes divertimentos. Joana aturava as mofas, mas depois chorava por se ver abandonada. Sem o saber, entrava na escola espiritual que enrijeceria seu caráter. No silêncio e autodomínio preparava-se a heroína. Esta vida de amadurecimento interior durou cinco anos.

Enquanto os coetâneos viviam obedecendo aos impulsos quase inconscientes da natureza, em Joana despertava e crescia um esforço consciente por se tornar digna da predileção divina. Sem ninguém o exigir, fez voto de castidade para todo o tempo que a Deus aprouvesse.

Sabia perfeitamente o que significava seu voto. Quando, mais tarde, estava em meio da soldadesca licenciada, mostrava-se consciente de todos os perigos que lhe ameaçavam a castidade. Deus a preparou pelo santo voto,

que ela guardou heroicamente até a morte. Pureza é o primeiro requisito para um escolhido de Deus. Este grande privilégio de Joana valeu-lhe até a estima dos seus amigos celestiais, que a chamavam com respeito: Virgem, Serva de Deus, Filha de Deus.

## CAPÍTULO V

### O CHAMAMENTO

Em Domrémy, à direita do rio Mosa, os habitantes eram fiéis ao rei. Mas no outro lado do rio prevalecia a simpatia pela Borgonha, aliada aos ingleses. A meninada não se contentava com sentimentos. Travavam-se lutas entre regalistas e borguinhões. Joana via por vezes seus camaradas voltar da luta, contundidos e sangrentos. Ela não participava desta pseudo-guerra, mas, sua alma patriótica sofria com as notícias que ouvia da boca do pai e dos vizinhos: a traição do Duque de Borgonha, as conquistas dos ingleses, a impotência do príncipe herdeiro, o Dauphin abandonado, renegado, traído pela própria mãe. Não haverá salvação para a França?

Certo dia as vozes, tão familiares, mudaram de tom. Atônita, ela ouviu as palavras: “Filha de Deus, deves sair da tua aldeia e ir para a França”.

Passaram momentos de estupor. Tendo finalmente compreendido o sentido das palavras ela respondeu: “Mas eu sou uma pobre menina que não sabe andar a cavalo, nem travar batalhas!” Mas as vozes insistiam. A partir daquele dia elas repetiam sempre a ordem, variando os termos. As intimações tornavam-se mais peremptórias: “Toma tua bandeira que o Rei dos céus te dá, toma-a corajosamente, e Deus te ajudará!” Em outra ocasião ouviu dizer: “Filha de Deus, vai, vai, vai! Eu serei teu auxílio. Vai!”

Finalmente ela ouviu a explicação clara da sua missão! “Filha de Deus, deves conduzir o “Dauphin” a Reims, para que seja coroado segundo o rito tradicional!” - “Deves ir para a França e não podes ficar onde estás! Deves levantar o cerco de Orléans”.

Decisivas foram as palavras seguintes: “Filha de Deus, debes ir ao capitão Robert de Baudricourt na cidade de Vaucouleurs; ele te dará homens que te levarão ao Dauphin”.

Joana d'Arc tinha 18 anos. Era uma moça enérgica e robusta. Aos pais não ousava falar da sua missão. O pai tinha alguma suspeita, mostrava-se exaltado e ameaçava afogar a filha antes de lhe permitir trato com a soldadesca. Mas o segredo não podia ser guardado sempre. Ela achou confidente num tio que lhe deu fé e a conduziu a Vaucouleurs. Joana teve uma entrevista com o capitão, que, furioso e com palavras quase indecorosas, a mandou voltar para casa.

As vozes reanimaram a moça decepcionada. Afoitamente voltou uma segunda vez a Vaucouleurs, apresentou-se ao capitão e - como refere Petitot - certo dia lhe comunicou que o rei acabava de sofrer um grande prejuízo. Alguns dias mais tarde veio a confirmação. O exército do rei fora derrotado pelos ingleses. Robert de Baudricourt estava abalado. Aconteceu o inesperado. Ele consentiu nos planos de Joana.

Entretanto talvez mandara mensagem à corte real e ficara impressionado com os boatos proféticos. Joana repetia: “Não sabia da profecia de que a França seria arruinada por uma mulher (a rainha-mãe) e restituída por outra?”

Aos 13 de fevereiro de 1429 a camponesa de Domrémy montou a cavalo trajada de homem, com armadura, espada e lança. Seis homens tinham ordem de acompanhá-la. Baudricourt os fez jurar de protegê-la do melhor modo possível. E Robert disse a Joana quando encetou caminho: “Anda! Vá agora tudo como quiseres!” (Atas do processo).

A confiança do comandante era pouca, mas em algumas semanas esta moça desconhecida espantará o mundo inteiro.

Veremos mais tarde que os juízes fizeram acusação dos trajes masculinos que Joana revestia desde a partida. Ela afirmava ter obedecido às ordens de Deus! “Se Deus me disse que pusesse trajes de homem e os trouxesse constantemente, sua ordem tem relação com a necessidade de manejar as mesmas armas como homens”. E ainda mais claro: “Quando estou trajada como homem entre homens, eles não terão desejos de mim, e creio que poderei em pensamentos e ações guardar melhor a minha virgindade”.

Vemos que a moça conhecia os perigos, mas mostrava uma resolução tão decidida de ser inviolável que os rudes homens de guerra eram como instintivamente afastados deste ser extraordinário.

Expressamente o confessa um dos companheiros dos primeiros dias, Bertrand de Poulengy: “Já por causa da virtude que nela supunha, não teria ousado fazer-lhe uma proposta inconveniente”. Ela conseguiu guardar ilibado seu voto de castidade.

O nobre Dunois, o “Bastardo de Orléans”, tio do Dauphin, que tratou com ela durante meses, atestou não crer que alguma mulher pudesse ser mais casta do que “La Pucelle” (donzela ou virgem). Isso lhe parecia tão estranho que o atribuía a uma intervenção divina. Talvez o mesmo Dunois tivesse ouvido o que acontecera a Joana logo no princípio da carreira militar. Um soldado saudou-a com as seguintes palavras: “Não é esta a pretensa virgem? Se eu a tivesse uma só noite, com Deus, ela não seria mais virgem, é o que posso prometer”.

Joana ouviu esta saudação. Fixou o homem: “Blasfemas contra Deus, morrerás em breve”. Em menos de uma hora o homem caiu na água e se afogou.

## **CAPÍTULO VI**

### **NA CORTE REAL**

Durante 11 dias a futura salvadora da França viajou por regiões ocupadas pelo inimigo para se apresentar ao rei. Guiada e animada por suas “vozes”, ela ia confiante, completamente convencida do sucesso. “Passou maravilhosamente, como testemunhas informaram o rei, os rios Marne, Seine, Yonne e finalmente o Loire”.

Carlos VII residia em Chinon. Quando Joana chegou a Fierbois, trinta quilômetros da residência real, mandou Colet de Vienne levar ao rei a mensagem da sua vinda e pedir a licença de visitá-lo.

As vozes não deixavam de animar a jovem todos os dias, desde que partira para o futuro incerto: “Vai confiada! Quando estiveres diante do rei, ele terá um sinal para te receber e acreditar em ti”.

Mais tarde no processo ela declarou ter avisado ao rei que o reconheceria entre os outros gentis-homens. Quando finalmente Carlos VII consentiu em recebê-la, estavam presentes mais de trezentos nobres. Cinquenta tochas iluminavam a imensa sala. Talvez a simples camponesa estivesse um momento deslumbrada. Mas avançou com segurança. Perto do trono parara o conde de Clermont, ricamente vestido. Mas Joana declarou: “Não é o rei”. Apontaram outro. A mesma resposta. Só agora Carlos VII entrou na sala. Joana viu-o, fez reverência e disse: “Deus vos dê boa vida, gentil Dauphin”. Ele apontou o conde de Clermont, mas Joana insistiu sem duvidar: “Em nome de Deus, gentil príncipe, vós o sois e ninguém mais”.

Revelou em seguida ao rei um segredo “que ninguém no mundo podia saber”. Afirmou que vinha por ordem divina para levantar o sítio de Orléans, levar o Dauphin a

Reims e coroá-lo ali, expulsar os ingleses e libertar do cativo inglês o Duque de Orléans. Instruída pelas vozes, falava com absoluta segurança. Mais tarde tudo se realizou.

Estava presente na corte também o Duque de Alençon a quem ela se impôs menos pelo sobrenatural do que por suas qualidades físicas. Ele conta: “Depois do almoço o rei foi passear nos prados. Ali Joana corria com a lança, e quando (o duque) viu com que habilidade ela manejava a arma e como saltava; doou-lhe um cavalo”. Vemos neste episódio pintado ao vivo uma mulher extraordinária, tão diferente das damas dos salões, exuberante de força e dinamismo, preparando-se para os combates. Nunca aparecera na corte pessoa semelhante capaz de desafiar qualquer homem de armas.

Os rudes cavaleiros, apreciadores da agilidade e força física, ficavam cativados e tornavam-se seus constantes admiradores e fiéis partidários.

O mesmo Duque de Alençon, que a admirara nos seus exercícios guerreiros, conta também que Joana ficava impaciente por causa das demoras e dizia ao rei que se apressasse, aproveitasse o momento oportuno enquanto era tempo, por que ela não queria ficar mais de um ano.

Naqueles mesmos dias aconteceu ainda um fato memorável. Aparecendo diante do rei, Joana estava cingida de uma espada que recebera em Vaucouleurs. Estando, porém, em Tours ou Chinon, as vozes avisaram que na igreja de Sainte-Catherine de Fierbois, diante do altar, estava enterrada uma espada. Mandou escrever aos clérigos daquela cidade pedindo cedessem-lhe aquela espada. Ela logo foi encontrada, coberta de ferrugem e marcada com cinco cruces. A ferrugem saiu facilmente. Os clérigos acrescentaram uma bainha e mandaram a arma a quem a descobrira. Joana confessou que estimava muito aquela espada por ter sido descoberta na igreja de Santa Catarina que ela tanto venerava.

Todos estes acontecimentos ficavam públicos e falavam poderosamente a favor da missão divina. Mas os tempos eram incertos e pelo país andavam mais homens e mulheres que pretendiam ser mensageiros de Deus. Sem dúvida o rei, e mais ainda seus conselheiros, queriam certificar-se melhor e sujeitaram a vidente a vários exames.

Não teria origem diabólica o extraordinário que envolvia os atos da mulher repentinamente surgida do anonimato? Certo dia um sacerdote aproximou-se dela, aspergiu-a com água benta e rezou as orações do exorcismo. Quando Joana compreendeu o sentido da ação, ficou indignada, lamentando em particular que assim fosse suspeita para um padre que bem a conhecia.

Tão pouco como os motivos do exorcismo, a moça, sem conhecimento do mundo, compreendeu a razão dos interrogatórios a que a submetiam. Foi levada à universidade de Poitiers. O Arcebispo de Chartres e mais tarde de Reims foi nomeado chefe de uma comissão de inquérito integrada por teólogos de renome. Joana estava impaciente, pensando no precioso tempo perdido para pronta libertação de Orléans. Mais tarde, porém ela poderá defender sua causa, apoiando-se nos pareceres favoráveis de Poitiers. A prudente e cautelosa investigação contribuiu até o dia de hoje para o reconhecimento e estima da vidente. Infelizmente as atas estão desaparecidas. Mas o veredito final de homens sérios e honrados foi laudatório.

A história conservou algumas respostas de Joana. Revelam o juízo são e a concepção clara de uma mentalidade alheia a toda a sentimentalidade e falso misticismo.

“Se Deus quer salvar a França, perguntou alguém, não pode fazê-lo também sem exércitos?” Admirável a resposta: “Em nome de Deus! Lutem os soldados, e Deus lhes dará a vitória!”

O dominicano Séguin insistiu: “Deus manifestamente não quer que te demos fé, porque não te acredita por

milagres. Como podes exigir que o rei te ponha à ponta de um exército, só por tu afirmares ser enviada de Deus?” - “Não vim a Poitiers para fazer milagres. Levem-me a Orléans e provarei por sinais para que eu vim cá!”

Joana acreditava nas suas vozes, convencida que por elas o próprio Deus a dirigia. Perguntaram-lhe, pois os teólogos, se acreditava na Igreja da mesma forma como em Deus. Era uma pergunta capciosa, relacionada com outras sobre a Igreja que estavam ocasionando heresias e dissidências. Joana não respondeu e os teólogos eram suficientemente equitativos para não exigir de uma ignorante o que superava a penetração de eminentes teólogos. Mais tarde Joana encontrará juízes menos bem-intencionados.

Enquanto Joana era interrogada em Poitiers, alguns franciscanos colheram informações na sua terra natal. Também este inquérito revelou só fatos favoráveis. Ninguém a podia incriminar de superstição ou exaltação; tivera uma adolescência irrepreensível de piedade, trabalho e caridade.

Aconteceu, pois, o inesperado, o inaudito: o futuro rei da França confiava seu destino a uma donzela, à “Pucelle”, e dirigiu-se por seus conselhos.

## CAPÍTULO VII

### A VIRGEM DE ORLÉANS

Aos 28 de abril de 1429 um pequeno exército de dois a três mil homens saía de Blois e marchava para Orléans. À sua frente vemos o Duque de Alençon e Joana d'Arc, revestida de armadura branca, presente do rei. Em breve devia seguir o grosso do exército, cerca de oito mil homens.

Que mudança! Havia poucos meses ninguém conhecia a jovem camponesa, completamente ignorante na arte militar. Agora está ela à testa de um grande exército, responsável pelas resoluções mais importantes, numa guerra decisiva para a sorte da França, oprimida desde quase um século.

Já se operara quase um milagre. Orléans estava assediada desde 1427. Carlos VII demorou mais de um ano até mandar um exército que, aos 12 de fevereiro de 1429, no mesmo dia em que Joana partiu de Vaucouleurs, foi vencido pelos ingleses. A mera aparição da virgem guerreira reavivava os ânimos. Apesar das dúvidas que provocaram as declarações inauditas da jovem e das demoras causadas pelos inquéritos de Poitiers, em menos de três meses o novo exército estava em marcha.

Era unicamente o ascendente da virgem que vencera tão rapidamente todos os obstáculos.

O que acabamos de contar da partida para Orléans é o modo tradicional de encarar os fatos históricos. Na realidade, segundo Sven Stolpe, a crítica moderna dá-nos um quadro diferente, mas, em vez de deprimir, aumenta os méritos, a influência e a glória da jovem. Tudo faz crer que Joana não era chefe militar, não tinha o comando, mas, juridicamente, só acompanhava o exército a título de

conselheira. Nunca se dera, nem então se queria dar a uma mulher o direito de se imiscuir em negócios de guerra e de estratégia.

Os acontecimentos que seguiram são tão estranhos que só os acreditamos por serem solidamente documentados. Os chefes militares quase nunca faziam o que a vidente lhes recomendava e, contudo, era ela que no fim dirigia as operações e decidia a vitória. Ela predizia os resultados e todas as suas afirmações se realizavam à risca, ainda quando pareciam inverossímeis.

Joana era constantemente contrariada. Quando a vanguarda saiu de Blois, a virgem guerreira, aconselhada por suas vozes, queria avançar ao norte do rio Loire para imediatamente atacar os ingleses. Mas os chefes enganaram-na aproveitando-se de sua ignorância, e escolheram prudentemente o lado sul onde não havia perigo de serem atacados pelos ingleses. Temiam o inimigo. O próprio Dunois, o heroico defensor de Orléans, confessou melancolicamente que certa vez duzentos ingleses tinham afugentado oito mil soldados do rei, antes de aparecer a “Pucelle” (donzela, virgem), aureolada pela missão divina, para reanimar seus patrícios.

Quando Joana chegou perto de Orléans, à testa da vanguarda, o comandante da cidade veio-lhe ao encontro. Ela perguntou-lhe se era Dunois, o “Bastardo de Orléans”, e se fora ele quem ordenara a marcha por este lado do Loire, impedindo assim que ela fosse diretamente para onde estava Talbot e os ingleses.

Dunois não podia negar. Joana, irritada, apostrofou: “Em nome de Deus! O conselho do Senhor é mais seguro e melhor do que o vosso. Pensais poder enganar-me, mas vos enganais a vós próprios, pois eu trago um auxílio mais forte que jamais um soldado ou cidade podia receber, o auxílio do Rei dos céus. E vós participareis deste auxílio, não porque eu vos amo, mas porque Deus vos ama. São Luís e Carlos Magno pediram a Deus que não abandonasse a

cidade de Orléans e não permitisse que os inimigos retivessem em seu poder o duque (de Orléans, preso) e se apoderassem de sua cidade”.

É quase incompreensível que o amadurecido cabo de guerra, duque de sangue real, aturasse calado a amarga admoestação. Nunca ouvira tais palavras e elas não vinham de um homem e sim de uma mulher quase criança ainda, com seus dezoito anos. Que deste primeiro encontro não saísse uma inimizade perpétua fala eloquentemente a favor do nobre guerreiro que depois se tornou o mais fiel amigo e partidário da salvadora de Orléans. Manifesta-se, porém com a mesma evidência a grandeza moral e autoridade irradiada por esta mulher extraordinária.

Dunois ficou calmo. Ordenou que esperassem pelo grosso do exército e convidou, entretanto, Joana a entrar na cidade, pois ela estava ansiosa de vê-la. A primeira resposta foi um ríspido: “Não”. Contudo teve de conformar-se com o estado das coisas e entrou na cidade. Foi recebida com um júbilo sem fim, “como se fosse um anjo do Senhor, pois todos esperavam que ela dominasse o inimigo”. Admiravam a elegância com que cavalgava. Estava revestida da armadura branca, precedida de sua bandeira, igualmente branca, onde se via Nossa Senhora, o Arcanjo Gabriel e outros anjos segurando lírios. Ao lado de Joana, montado também e armado, andava o comandante Dunois. Um grande séquito de “duzentas lanças” e mais milicianos da cidade abrilhantava a entrada. O júbilo quase não poderia ser maior se a cidade já estivesse libertada.

No dia seguinte os oficiais reuniram-se na residência de Joana. Nova discussão. Joana queria atacar imediatamente. Dunois resolveu esperar pelo exército. Nada valeram seus veementes protestos, teve de esperar. Mas era-lhe impossível permanecer inativa. Meteu-se imediatamente a reformar o moral dos soldados, como já o fizera em Blois. Uma testemunha nos fala: “Mandou hastear no campo uma bandeira que representava Jesus crucificado. Pediu ao capelão que reunisse os soldados de

manhã e de tarde ao redor desta bandeira para rezar, cantar a Salve-Rainha e intimar os soldados à conversão. Ela mesma circulava entre as linhas e falava com os soldados, perguntava se estavam conscientes de pecado mortal e enxotava do acampamento as mulheres de má vida”.

Esta moça, crescida no silêncio da casa paterna, da igreja, do campo e do mato, achava-se de repente no meio de soldados rudes, licenciosos e rebeldes. Porém nada a desorientava, nem o tumulto da soldadesca e da guerra, nem o júbilo e a apoteose dos cidadãos, nem o brilho nunca visto da grande Cidade. Em meio de um mar agitado ficava recolhida, sempre atenta às suas vozes sobrenaturais e guiando-se unicamente por elas. De uma firmeza irredutível, não conhecia respeito humano. Corrigia os soldados, admoestava os chefes, erguia-se contra todas as manifestações de impiedade e crueldade. Exortava os cidadãos a porem sua confiança em Deus, prometendo-lhes libertação dos inimigos. Muitos a visitaram, notando com admiração que ela falava só de Deus. Em Orléans e no exército operou-se uma grande reforma da vida religiosa. Certa vez nas ruas da cidade Joana ouviu um cavaleiro proferir blasfêmias. Furiosa, ela o segurou pela nuca, exclamando que não o largaria se não desse a promessa de nunca mais proferir tais palavras. O cavaleiro, assustado, logo prometeu. Quando aparecia a armadura branca de Joana, como por encanto calavam as blasfêmias. O próprio Duque de Alençon confessou mais tarde que se continha em sua presença.

Segura da sua missão divina e da próxima derrota dos ingleses, Joana foi também às fortificações falando dali ao inimigo. Recomendou aos ingleses e ao comandante Glasdale “a entregar-se em nome de Deus para salvar suas vidas”. Glasdale e sua gente deram respostas insolentes, e ameaçaram mandá-la queimar caso lhes caísse nas mãos. Chamaram-na também de meretriz e gritavam que voltasse depressa para casa e pastoreasse o gado. Divulgou-se depois a notícia de que Joana rompera em pranto e

anunciara aos ingleses sua próxima derrota em que Glasdale perderia a vida.

A impaciente expectativa de Joana terminou no dia 4 de maio. Cansada de uma corrida a cavalo, deitara-se para repousar. De repente levantou-se em altos gritos. Seu amigo Jean d'Algun perguntou assustado o que acontecera. “Minhas vozes me avisam que devo sair contra os ingleses”. Depressa revestiu a armadura e correu para fora. Na rua encontrou um pajem montado a cavalo. Fê-lo apear, montou em seu lugar e a todo o galope saiu da cidade.

Os franceses tinham atacado um reduto inglês chamado Saint-Loup; mas foram infelizes, já estavam em retirada. Com furiosa energia a jovem guerreira entrou em ação. Ela, que nunca na vida participara de um combate, animou os soldados. A luta recomeçou, “o reduto foi incontinenti atacado pelos franceses e tomado de assalto com mui poucas perdas”, diz o cronista. Os franceses iam massacrar todos os ingleses. Mas Joana se opôs e salvou a vida de quarenta inimigos.

O estranho é que ela não fora avisada do ataque. Talvez prevalecesse ainda a ideia de que mulher não devia lutar. Mas não há dúvida de que foi ela que transformou a derrota em vitória. Esta sua primeira intervenção impressionou profundamente toda a cidade e o exército.

No dia 5 de maio era a festa da Ascensão. Joana avisou que não lutaria no dia santo, mas queria confessar-se e tomar a sagrada comunhão. Mandou também novo aviso aos ingleses, respondido, como na outra vez, com baixas grosserias. A sensível menina tornou a chorar, mas fez uma declaração inesperada: “Dentro de cinco dias teremos conquistado as trincheiras inimigas e nenhum inglês permanecerá nos arredores da cidade”.

Nunca se ouvira tal linguagem. As fortificações dos ingleses eram sólidas e defendidas por tropas aguerridas. O que terão pensado Dunois e os outros chefes desta moça inexperiente que ao combate preferia a oração? Joana

exortou o povo e os soldados a confessar os pecados e tomar a sagrada comunhão. Foi atendida. Altas patentes do exército frequentaram os sacramentos, a festa foi celebrada com extraordinário fervor.

Os comandantes militares não tinham pressa para realizar a profecia de Joana, nem sequer a consultaram. Fizeram seus planos, mas os acontecimentos iam ser diferentes das suas previsões. A impaciente guerreira usurpou direitos que os chefes não lhe queriam conceder e, sem experiência militar, conseguiu o que os mais experimentados não ousavam esperar. Foi ainda no dia imediato à festa da Ascensão que alguém disse desanimado: “Levaremos um mês para conquistar Les Tourelles”, o reduto mais forte dos ingleses, que desde 199 dias vedava o acesso à ponte do Loire.

Os chefes hesitavam, mas as tropas, transformadas pela presença da Pucelle, ardiam em febre de combate. Um grande número reuniu-se junto ao portão do Leste. Mas Gaucourt, o mais graduado da cidade, negou-se a abri-lo. Os soldados mandaram aviso à Pucelle. Imediatamente ela montou a cavalo, cavalgou ao portão, repreendeu o chefe e, sem se importar da sua oposição, mandou abrir exclamando: “Serei eu o vosso chefe! ” Atravessaram o rio em botes e encontraram o primeiro fortim, Saint Jean-le-Blanc, abandonado. Incendiaram-no e levaram o ataque ao fortim seguinte Les Augustins. Mas ali o inimigo resistiu valorosamente, repelindo o assalto. A luta prolongou-se, aumentando constantemente o número de franceses que atravessavam o rio. Apareceu também Dunois e outros oficiais.

Joana não combatia pessoalmente, mas brandia seu estandarte. Os franceses voltaram ao assalto e também Les Augustins foi conquistado. Joana impediu novamente o massacre dos sobreviventes.

Restava o poderoso reduto Les Tourelles, que os pusilânimes não esperavam conquistar antes de um mês.

Mas a maioria lembrava confiante a promessa da Pucelle. Ela, entretanto, voltou à cidade para começar o dia seguinte com a assistência à Santa Missa.

Amanheceu o dia 7 de maio, sábado. Apesar de informada por suas vozes que neste dia seria ferida, a intrépida guerreira foi ao combate. Saindo da cidade, Joana anunciou seu ferimento, prometendo, porém, voltar de noite pela ponte, o que seria impossível sem a conquista de Les Tourelles.

O reduto estava rodeado de um profundo fosso. Depois de o encherem com faxinas e terra, os franceses atacaram corajosamente, sendo várias vezes repelidos. Para animar os seus, também Joana subiu uma escada, mas, chegando em cima, uma flecha lhe atravessou o peito. Caiu e foi levada para trás. Depois de algum tempo levantou-se, tirou pessoalmente a flecha da ferida que foi pensada, segundo a arte de então, com azeite e toucinho, e voltou ao combate.

Sobre o que seguiu temos a narração do próprio comandante em chefe Dunois, e podemos crer que só referiu a verdade, uma vez que confessou com sinceridade também o que era menos honroso para sua pessoa. “O assalto durou desde a madrugada até as oito horas da tarde e parecia que não houvesse possibilidade de conquistar a vitória no mesmo dia. Por conseguinte, a testemunha (o próprio Dunois) estava irresoluto e queria que o exército se retirasse à cidade. Aproximou-se então a Pucelle e pediu que esperasse um pouco. Montou seu cavalo e afastou-se para um vinhedo, apartada dos soldados, onde se demorou por algum tempo para rezar. Voltando, pegou imediatamente a sua bandeira e a plantou junto ao fosso da trincheira. Quando os ingleses a viram ali, animando os nossos, começaram a tremer cheios de medo. Os partidários do rei encheram-se de nova coragem, voltaram a escalar os muros e não acharam resistência. O reduto foi tomado e os ingleses que se achavam ali fugiram: todos foram mortos”.

Os franceses, entusiasmados, consideraram milagroso o retumbante sucesso, com sinais convincentes de intervenção divina. O mesmo dia viu ainda a realização de duas profecias de Joana. Glasdale sofreu o castigo das baixas injúrias que proferira contra a vidente sem atender ao presságio da sua morte próxima. Armado de pesado machado de guerra, dirigia a retirada. Rodeado de vários dos mais nobres cavaleiros ingleses, achava-se ele precisamente numa ponte de madeira que ligava duas partes do reduto Les Tourelles, quando Joana o viu e admoestou em alta voz: “Glasdale, Glasdale, rende-te ao Rei dos Céus. Tu me injuriaste, mas tenho pena da tua alma e da dos teus soldados”. Glasdale respondeu com novas injúrias e blasfêmias. Neste momento desabou a ponte, incendiada pelos cidadãos de Orléans. Os guerreiros ingleses, revestidos de suas pesadas armaduras, afogaram-se imediatamente. Joana caiu de joelhos e, chorando, rezou pelos inimigos desaparecidos.

A profecia a respeito da volta pela ponte do Loire, à noite do mesmo dia, também se cumpriu. Com a queda do bastião inglês, a ponte do Loire estava aberta, e de noite, voltaram por ela triunfantes a salvadora de Orléans e os comandantes.

O dia seguinte, 8 de maio, era a festa de São Miguel que tantas vezes inspirara a vidente de Domrémy. Agora a cidade de Orléans celebrava efetivamente sua salvação no dia da festa do poderoso arcanjo que é também o padroeiro da França. A festa é, até hoje, o grande dia de Orléans.

O mesmo dia era domingo. “Vamos à missa”, disse Joana. “Deus não quer que combatamos hoje os ingleses. Serão batidos em outra ocasião. Demos graças a Deus”.

Estranhamente o grosso do exército inglês assistira inativo a conquista de Les Tourelles. Talvez esperassem que o bastião resistisse aguardando reforços. As circunstâncias fazem crer que, avisada por suas vozes, a vidente previra esta inatividade. Em vista do sucesso

francês e da morte de Glasdale, os ingleses retiraram-se, realizando a profecia de que em menos de cinco dias não haveria mais ingleses nos arredores da cidade.

Por toda a França difundiu-se a notícia da libertação milagrosa da cidade assediada, por intermédio de uma jovem mulher. Seu nome ficou inseparavelmente unido a este feito glorioso. A partir daquele dia era La Pucelle d'Orléans, “A Donzela ou Virgem de Orléans”.

Glória sem par começou a acompanhar esta mulher única. O povo apinhava-se nas ruas para aclamá-la, beijar-lhe a mão e os vestidos, pedir a bênção que ela recusava. Os chefes militares reconheciam-lhe os méritos. Espalhavam-se boatos fantásticos. No meio desta apoteose a salvadora de Orléans operou seu maior milagre: Permaneceu a donzela humilde, modesta, despretensiosa como no tempo da infância. Raras vezes na história encontramos homens de tanta madureza e firmeza de caráter. Irradiava pureza e força. Os próprios inimigos de Joana são, contra sua vontade, as melhores testemunhas de sua perfeição. Cheios de ódio e má-fé, indagaram todas as circunstâncias da sua vida íntima e pública, não achando a menor mácula no seu comportamento. Em particular a acusação de imoralidade, tão fácil de inventar na vida de uma mulher isolada no meio de soldados libertinos, nem foi levantada. As atas do processo condenatório, em que os inimigos queriam desacreditar a heroína, constituem na verdade uma única prova a seu favor.

A fama da mulher militante estendia-se também à sua maestria na arte militar. Incutia verdadeiro estupor a chefes de guerra, encanecidos no serviço das armas. Seu grande amigo e admirador o Duque de Alençon disse ainda 27 anos mais tarde: “Joana era simples e jovem, mas entendia o serviço das armas. Sabia tão bem manejar uma lança, como pôr em ordem um exército e conceber um plano de ataque, em particular no que toca à artilharia. Admirava a todos que ela dispunha tudo com tal segurança e

circunspecção como se tivesse guerreado desde vinte ou trinta anos”.

A mesma admiração transparece nas palavras do cavaleiro Thibauld d'Armagnac que participou também da libertação de Orléans: “Na disposição e direção de tropas, na ordem de batalha e animação dos homens ela se comportava como o chefe militar mais experimentado do mundo e o maior estrategista de seu tempo”.

## **CAPÍTULO VIII**

### **A BATALHA DE PATAY**

Depois da libertação de Orléans, Joana d'Arc recomendou ao Dauphin a se fazer coroar rei em Reims, onde Clodoveu tinha sido batizado por São Remígio e onde, desde 1179, eram coroados os reis de França. A vidente obedecia às vozes de Santa Catarina e Santa Margarida que lhe falavam em nome de Deus.

A infalibilidade já comprovada das profecias de Joana garantia o sucesso. O rei, porém, e os chefes de guerra consideravam perigoso o avanço por terras sujeitas ao inimigo. Resolveram primeiro limpar toda a região do Loire, onde os ingleses ocupavam ainda três cidades: Jargeau, Meung e Beaugency.

Aos 11 de junho de 1429 o exército francês, de oito a dez mil homens, chefiado por Dunois, o Bastardo de Orléans, campeou diante de Jargeau. Propagou-se então o boato de que se aproximava o chefe inglês Falstaff, com cinco mil homens. Tal era a fama dos ingleses, principalmente do seu corpo de arqueiros, que entre os chefes franceses quase se originou um pânico. Foi Joana d'Arc que salvou a situação. Vendo a inquietação dos comandantes, assegurou-lhes que não precisavam temer os ingleses. Deus estava a favor dos franceses. Como ainda hesitassem, insistiu: “Não receeis, o momento exato sempre chegou, quando Deus o quer! Agi, e Deus agirá!”

Começou a batalha. Pedra certa esmagou o capacete de Joana e a derrubou. Mas logo se levantou, exclamando: “Amigos, amigos; sus! sus!”

Dentro de 24 horas os franceses estavam vitoriosos, conquistando a cidade e aprisionando o chefe inglês Lord Suffolk. Dois dias mais tarde assediavam Beaugency.

Em seguida deram-se cenas pitorescas.

Estava na vizinhança também o exército inglês, comandado por Talbot e Falstaff. Apesar das insistências de Joana, os franceses não ousavam atacar. Finalmente ela perguntou: “Não tendes boas esporas?”

“Para fugir?” Foi a resposta. Ao que Joana, sorrindo: “Não! Mas precisaremos delas, para perseguir os ingleses fugitivos”.

Também os ingleses não ousavam atacar e retiraram-se para Meung, onde pernoitaram. Esta retirada foi considerada com definitiva pela guarnição de Beaugency: Capitulou.

Por sua vez Falstaff ficou tão impressionado com a capitulação da praça forte que ordenou imediatamente a retirada para Paris. O exército francês seguiu-o. Sabemos que Joana não tinha comando, nem lhe permitiram juntar-se à vanguarda. Impaciente, via-se obrigada a seguir no grosso do exército. Nesta ocasião ela impressionou profundamente o Duque de Alençon, que mais tarde contou: “Muitos homens do rei eram tímidos...” Mas Joana disse: “Em nome de Deus é preciso combatê-los; e se estivessem pendurados nas nuvens..., nós os teremos! ... Estou certa da vitória”.

A cavalaria francesa movimentou-se para alcançar o exército em retirada.

Quando Falstaff foi informado da presença do inimigo mandou aos arqueiros dar volta e resistir ao ataque, mas foram dispersos por um garboso ataque de cavalaria. Desorientado, o comandante da retaguarda, já meio vencido, julgou-se abandonado por Falstaff e rendeu-se. Falstaff, assustado, fugiu. Dois mil ingleses morreram quase sem resistência. Talbot foi preso e nunca perdoou a Falstaff a fuga precipitada. Falstaff fugiu tão depressa que já no dia seguinte chegou a Corbeil, onde o Duque de Bedford, indignado com tanta covardia, lhe arrancou a ordem da jarreteira.

Foi esta a célebre batalha de Patay. A sorte da guerra parecia ter abandonado definitivamente a causa inglesa.

Deste dia glorioso sabemos ainda um episódio de Joana. Vendo um inglês moribundo, saltou do cavalo e correu para ele. Conseguiu chamar um padre e o soldado confessou-se. Durante a confissão a guerreira, transformada em samaritana, amparou-lhe a cabeça aliviando as dores do melhor modo possível.

## CAPÍTULO IX

### A COROAÇÃO DO REI EM REIMS

Quando a pastora de Domrémy abandonou sua terra natal, impelida pelas vozes sobrenaturais de São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida, estava consciente de uma dupla missão. Deus escolhera-a para libertar a cidade de Orléans e coroar em Reims o legítimo rei de França Carlos VII.

Vivendo mais no íntimo da sua alma do que no mundo agitado em redor dela, atendia às suas vozes que a guiavam com absoluta segurança. Logo depois da libertação de Orléans, vendo cumprida a primeira parte da sua da sua missão, insistira com o príncipe herdeiro em ir a Reims.

Já vimos que não foi atendida logo. Mas depois da vitória de Patay, aproveitou novamente a ocasião para recomendar a coroação.

Parece que agora as ponderações do conselho real concordaram com as insistências da vidente. Foi resolvido marchar para Reims.

Muitos historiadores criticam esta resolução. Afirmam que teria sido mais prudente continuar a campanha tão auspiciosamente começada e conquistar a capital Paris, vencer os ingleses antes de eles receberem reforços e obrigar o Duque de Borgonha a abandonar suas manobras traiçoeiras. As críticas, porém, são infundadas. Ninguém pode saber com certeza o que teria acontecido se fossem contrariadas constantemente as recomendações que se baseavam em luzes sobrenaturais. Uma por uma as profecias se tinham realizado e já era conselho de prudência esperar o mesmo no futuro. E o futuro justificou esta atitude. O sucesso acompanhava todos os empreendimentos que se faziam segundo os conselhos de Joana.

Aos 24 de junho de 1429 o exército se pôs em marcha. Joana estava feliz. Em princípios de julho chegaram à cidade de Troyes, sujeita aos ingleses. Os cidadãos mandaram mensageiros a Reims confirmando sua lealdade à causa inglesa e prometendo resistência até a morte. Contudo seu heroísmo não era tão grande como em breve se tornou patente.

Os conselheiros do rei deliberavam o que fazer. As crônicas referem que Joana entrou na sala do conselho, dirigindo-se diretamente ao rei: “Nobre Dauphin, dai ordem de assediar imediatamente a cidade. Em nome de Deus prometo que dentro de três dias eu vos levarei para dentro da cidade de Troyes, seja por via pacífica ou pelo combate e à força, de modo que os traiçoeiros borguinhões ficarão espantados”.

Joana começou logo os preparativos para o assalto, trabalhando toda a noite, “fazendo a obra de dois ou três chefes militares experimentados”.

De madrugada os cidadãos reconheceram assustados a iminência do perigo e capitularam. Podia continuar a marcha para Reims. Poucos dias depois o exército chegou à vista da cidade, que não ousou resistir. Abriu as portas e recebeu honrosamente seu rei.

\*\*\*

Aos 17 de julho de 1429 tinha chegado o grande dia da Pucelle de Orléans. O que as vozes não cessavam de lhe confirmar, o que ela prometera tantas vezes ao “gentil Dauphin”, o que poucos meses atrás parecia ainda completamente impossível, agora ia ser realidade: o legítimo herdeiro do trono francês seria coroado solenemente na grandiosa catedral.

A cerimônia começou no mosteiro de Saint-Remy. Na igreja conservava-se a veneranda ampulheta que, segundo a tradição, fora trazida do céu. Quando São Remígio batizou Clodoveu, rei dos francos, apareceu um anjo para lhe entregar aquele vaso precioso contendo o óleo destinado à

unção ritual. Afirmava a mesma lenda que o óleo nunca se esgotava.

Quatro dos mais nobres cavaleiros da França apresentam-se à porta do santuário. Revestidos das suas ricas armaduras, cada um empunha sua própria bandeira. À porta do santuário o abade os recebe e os conduz ao altar onde, reverentemente, toma o vaso sagrado. Todos saem. Os cavaleiros montam e, acompanhando o abade portador do santo óleo, dirigem-se para a catedral. Segundo o antigo costume entram montados até o presbitério. Ali o Chanceler Regnault, Arcebispo de Chartres e Reims, deposita o vaso sagrado.

Seguindo os quatro cavaleiros entra o Dauphin e todos os vassalos presentes. O coro entoa a antífona: *“Ó preciosa dádiva! Ó preciosa gema! Que foi mandada do céu por ministério dos anjos para a unção dos reis dos francos”*.

São chamados os doze “Pairs” do reino. Os seis leigos todos estão ausentes, traidores da causa de seu rei. Dos eclesiásticos só respondem dois: o Arcebispo Regnault de Reims, que junto com o rei voltara do exílio, e o bispo de Châlons-sur-Marne, Jean de Sarrebourg. Outros nobres substituem os ausentes.

Por extraordinário privilégio está presente também aquela a quem unicamente se deve este dia de glória e júbilo. A humilde donzela de Domrémy, agora a pessoa mais célebre da França, aclamada pelos amigos, detestada pelos adversários, tem o lugar de honra ao lado do rei. No meio das cores variegadas destaca-se sua armadura branca, e acima das cabeças paira seu estandarte branco que ela segura com mão firme e imóvel durante toda a cerimônia.

Mais tarde seus juízes perguntarão por que o estandarte estava tão perto do rei. Ela responderá: “Estava junto em tantas circunstâncias difíceis que convinha estar presente também na honra”.

Ajoelhado primeiro, depois em pé, o rei faz solenes juramentos de proteger a Igreja e seu povo, de lhe garantir

paz e justiça. Em seguida o Duque de Alençon põe ao rei as esporas e o arma cavaleiro, dando-lhe a batida simbólica no ombro. O arcebispo dá-lhe a espada. Desembainhada e levantada pelo substituto do Connétable da França ausente, ela fica presente até o fim da coroação.

Agora começa o ato essencial da cerimônia. O arcebispo toma uma parcela do antiquíssimo óleo, endurecido no correr dos séculos e unge o rei na testa, na nuca, nas mãos, dizendo solenemente: *“Unjo-te rei com o óleo santificado, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”*. E, entretanto, canta o coro: *“Com o óleo do céu e a água sagrada, o beato Remígio santificou-o e enriqueceu com os dons do Espírito Santo ao glorioso povo dos francos e seu nobre rei”*.

Terminada a unção, o arcebispo levanta a coroa. Aproximam-se os “Pairs” e, enquanto todos a tocam, a coroa desce sobre a cabeça do rei.

Todo o povo prorrompe em interminável júbilo. A França tem novamente um rei legítimo, que simboliza sua união contra o rei estrangeiro e invasor.

Entre aqueles que homenagearam o soberano achava-se também Joana d'Arc, a Virgem de Orléans, a salvadora da França e do rei. Conta a crônica: “Quando a Pucelle viu que o rei estava coroado, ela se ajoelhou diante dele, em presença dos nobres senhores, abraçou seus joelhos (segundo o uso do tempo), e disse entre lágrimas: “Agora se cumpriu a vontade de Deus. Ele queria que eu levantasse o sítio de Orléans e vos levasse a Reims, para que aqui se efetuasse a santa coroação, provando que sois o verdadeiro rei e aquele a quem deve pertencer o reino”

Foi a primeira vez que lhe deu o título de rei, deixando de nomeá-lo o Dauphin.

Ao contrário do que se lê quase tradicionalmente nas antigas biografias, o rei não se mostrou insensível e ingrato. Enobreceu a Joana e sua família. O nome Darc foi mudado em d'Arc. O rei lhe deu um brasão altamente simbólico. Entre

dois lírios (os lírios do brasão francês), uma espada sustentada a coroa da França.

# CAPÍTULO X

## A PRISÃO DE JOANA D'ARC

Joana d'Arc, a Virgem de Orléans, revestida de sua armadura guerreira, segurando o estandarte ilibado, em pé ao lado do rei da França, na suntuosa catedral de Reims - eis uma visão que perdurará pelos séculos. Foi o maior dia da sua vida, mas também o marco para um novo destino, tão diferente e oposto ao anterior, que para compreendê-lo é até certo ponto necessário esquecer os dias de sucesso e de glória.

A França, mergulhada num torpor sem esperança, fora salva por uma mulher, jovem e ignorante, guiada só por inspiração sobrenatural. Realizara ela as duas principais promessas, a de livrar Orléans e a de coroar o rei em Reims. Também serão cumpridas as duas outras profecias: que os ingleses seriam expulsos da França e que o Duque de Orléans voltaria do cativeiro. Mas estas realizações se farão sem a participação da guerreira vidente, quando ela já não estiver entre os vivos.

A famosa jovem, que antes da coroação do rei só ia de vitória em vitória, depois daquele dia só conheceu reveses. Exteriormente sua posição não parecia mudada. Continuava em posição de relevo entre os chefes militares, acompanhava o exército, nas refregas agitava sua bandeira e animava os soldados: “Sus! Franceses, sus! Ao ataque!” O povo a aclamava. Mas as “vozes” já começavam a mudar suas comunicações e gradualmente mudava a atitude de Joana.

A guerra continuava, mas de modo estranho. Em vez de atacar o inimigo desanimado, o exército francês retirou-se para o sul, à linha do rio Loire. O que tinha acontecido?

Quando, em junho de 1429, o rei renunciou ao ataque de Paris e dirigiu seu exército para Reims, o chefe militar inglês, o Duque de Bedford, aproveitou da trégua para pedir recursos da Inglaterra. Ali estava reunido um novo exército de 8.500 homens, destinado a combater os Hussitas na Boêmia. Em vista da necessidade urgente, estas tropas foram dirigidas para a França, onde chegaram poucos dias depois da coroação de Carlos VII. Ao mesmo tempo chegou o Duque de Borgonha para renovar seus tratados traiçoeiros com os ingleses, prometendo um exército auxiliar na guerra contra seu próprio rei.

O Duque de Borgonha soube portar-se com tanta habilidade que foi nomeado agente da França, título até então conferido ao Duque de Bedford. Também começou a entabular negociações com o rei, mas tudo faz crer que de modo algum desejava reconciliação. Seu intento era contemporizar, enganando seu soberano legítimo e alcançando prolongadas tréguas.

A traição estava, portanto, toda do lado oposto e não é preciso procurá-la entre os conselheiros do rei, como faz a literatura tradicional. O único que se pode e deve repreender ao conselho real é de não ter reconhecido o jogo duplo do duque.

Se o Duque de Borgonha tivesse abandonado o partido inglês, a guerra estaria praticamente terminada a favor do rei. Enquanto corriam as negociações, o exército francês fez a retirada para o sul acima mencionada. De repente, porém, voltou para o norte respondendo a um avanço ameaçador de Bedford. Mas ninguém tinha coragem de travar batalha. Foi nesta época que Joana fez uma primeira alusão à sua morte, causando espanto ao Arcebispo Regnault, que a via pujante de vida. As santas mártires Catarina e Margarida estavam preparando para seu novo destino a colega no martírio. Em breve Joana saberá mais de seu futuro.

Aos 21 de agosto o rei concluiu um armistício com o Duque de Borgonha que devia durar até o fim do ano. O Duque podia estar satisfeito: por quatro meses não precisava fazer ações bélicas, podia esperar reforços da Inglaterra, aumentar seu próprio exército e o rei lhe garantia que renunciava a várias cidades prontas à sujeição.

Depois do ato consumado, o rei reconheceu que cometera um erro irreparável, de consequências funestas, patenteando sua indecisão e fraqueza. Unicamente a conquista de Paris seria capaz de reabilitá-lo diante da nação. Movimentou, pois, suas forças contra a antiga capital.

Agora foi Bedford que reagiu de um modo inesperado. Retirou-se, quase em fuga, para a Normandia. Era, sem dúvida, ainda uma manifestação do medo que a vitoriosa Virgem de Orléans incutira tanto ao chefe quanto ao exército inglês.

Por sua fuga Bedford faltou à solene promessa que dera de defender Paris. Apesar deste abandono os cidadãos defenderam-se tenazmente, temendo as represálias do rei.

Começou o assalto da cidade que durou um dia inteiro. Pelo fim do dia Joana foi ferida por uma flecha e no mesmo tempo afrouxou o ânimo dos franceses. As vozes mandaram-na perseverar e ela, sentada na terra, admoestava os seus a continuar o ataque. Paris devia ser conquistada. Eis que veio a ordem de se retirar. Joana resistiu desesperadamente, mas foi levada à força para trás.

No dia seguinte devia recomeçar o ataque, que provavelmente teria conduzido à queda da cidade. No momento em que os soldados iam avançar, veio nova ordem de suster as ações bélicas. Ocorrera uma nova traição do Duque de Borgonha que prometia induzir os parisienses à capitulação.

Paris não se rendeu e jubilou quando o poderoso exército atacante abandonou o campo de batalha. Era pior do que uma derrota ou fuga, porque o rei ludibriado caiu no

desprezo geral. Os mais fiéis vassallos abandonaram-no. Desapareceram Dunois, La Hire, o Duque de Alençon. Só Joana permaneceu na corte; e ela, que inutilmente se opusera à retirada, seria depois responsabilizada do fracasso.

O rei e La Tremoille seu principal conselheiro, ainda não reconheceram a perfídia do Duque de Borgonha, que continuava a negociar e no mesmo tempo aumentava suas forças. Só em maio de 1430 o comportamento do vassallo infiel não admitia mais dúvidas. Obstruída a via da paz, só restava a da força. Recomeçaram as ações bélicas.

Joana achava-se diante da cidade de Melun, quando as “vozes” lhe revelaram que antes da festa de São João, 24 de junho, seria aprisionada, que assim devia acontecer, que não desanimasse e que Deus lhe daria auxílio. A partir deste momento Joana participava ainda das operações bélicas, mas deixava todas as decisões aos chefes militares.

Uma fonte menos segura conta que no dia 23 de maio, em Compiègne, ela disse às crianças da cidade: “Meus bons amigos, bons meninos, traíram-me e venderam-me. Em breve serei morta. Rezai por mim a Deus; já não posso mais servir ao rei de França”. No mesmo dia devia concretizar-se a tragédia.

Tratava-se de tomar à força a aldeia de Margny. Por precaução o comandante Guillaume Flavy postou um destacamento na ponte levadiça à frente da aldeia. Joana tomou parte na luta que se desenrolou auspiciosamente pela conquista do povoado. Mas os borguinhões contra-atacaram. O pânico apoderou-se dos franceses. Cada um procurou salvar-se.

Também Joana viu-se obrigada à retirada. Recuou até a ponte que encontrou erguida. Apesar da situação desesperada queria lutar. Mas a superioridade do inimigo era esmagadora. Um inimigo a tirou do cavalo.

Estava presa a salvadora da França.

## **II PARTE: A MÁRTIR**

### **CAPÍTULO I**

#### **IGREJA CONTRA IGREJA?**

Grande parte da extensa literatura que se ocupa com a sorte dramática de Joana d'Arc, a “Donzela ou Virgem de Orléans”, a considera vítima de um “tribunal eclesiástico”, ou até da própria Inquisição. Poucos anos mais tarde ela foi reabilitada por outro “tribunal eclesiástico”, e em nossos dias (9-5-1920) recebeu as honras dos altares, sendo declarada solenemente santa da Igreja Católica.

Os adversários da mesma Igreja não escondem a satisfação de mostrar a aparente incoerência de tribunais “oficiais” se contrariarem, pronunciando sentenças contraditórias, e declarando mártir aquela que foi condenada como bruxa e herege. Afirmam ainda que também fora a própria Igreja que executou na fogueira sua mártir. Para os bem-intencionados, mas mal informados dos fatos históricos, os mesmos processos de Joana d'Arc são causa de desorientação e escândalo.

É, portanto de suma importância considerar todas as circunstâncias do chamado “processo eclesiástico”, seus motivos, autores, competência dos juizes, veracidade das testemunhas e das atas, legitimidade do proceder e valor jurídico da sentença.

## CAPÍTULO II

# MOTIVOS POLÍTICOS DO PROCESSO

Quando se propagou a notícia de que a libertadora de Orléans fora aprisionada, um imenso júbilo correu pelas linhas dos ingleses e borguinhões. Informado do fato, Filipe o Bom, Duque de Borgonha, não teve um instante de repouso, montou a cavalo e correu para ver a mulher misteriosa.

Os mais satisfeitos eram os ingleses que tinham concebido um profundo ódio da grande adversária. Desde que aparecera Joana tinha mudado sua sorte. Já no primeiro encontro ela anunciara a derrota do exército inglês e a morte de Glasdale, logo depois ocorrida. Depois seguia um revés após outro. Só uma bruxa podia prognosticar e causar tais azares. Um medo supersticioso apoderara-se dos soldados e dos próprios chefes. Dunois, o Bastardo de Orléans, afirmou no processo de reabilitação o seguinte: “Quando os ingleses sitiavam Orléans, Joana mandou uma carta a seu chefe Talbot, intimando simplesmente o inimigo a desistir do assédio e voltar à sua terra, no caso contrário atacaria sem tréguas e reduziria o adversário pela força. Sua carta foi levada ao senhor Talbot, e confirmou que a partir deste momento os ingleses, dos quais antes duzentos tinham afugentado oito mil homens do rei, ficaram sem ânimo. A partir do mesmo momento quatrocentos ou quinhentos homens dos nossos enfrentavam e desarticulavam todo o exército inglês, porque eles não ousavam mais sair de seus redutos e trincheiras”.

As sucessivas derrotas fizeram crescer o ódio daquela que os desprestigiou e destruiu repentinamente as fagueiras esperanças de uma conquista completa da França. Também, como nota Pio X por ocasião da beatificação (11-4-1909),

os ingleses sentiam-se profundamente humilhados pelo fato de terem sido derrotados por uma menina.

Enquanto Joana estava nas mãos dos borguinhões, que afinal eram franceses, havia esperança de estes aceitarem alto resgate e restituírem-na ao rei da França. Para impedi-lo, os ingleses pressionaram tanto e ofereceram por sua vez tão vultosa soma de dinheiro que finalmente a prisioneira lhes foi entregue.

A interminável guerra, acompanhada de complicações políticas, rebeldias de vassalos, injustiças e arbitrariedades, durezas, evoluções, massacres, rancores e calúnias, inúmeros acontecimentos que aqui não pudemos relatar, tinham acendido as paixões. Se não tivéssemos outras provas históricas, fornecidas principalmente das atas dos processos por depoimentos fidedignos, bastaria considerar o curso dos acontecimentos para verificar que um ódio implacável perseguia a prisioneira. Não bastaria uma morte qualquer, devia ser executada pelo modo mais cruel da fogueira. Além disto, seria um golpe fatal para o rei da França Carlos VII, se toda a população fosse inteirada de que suas vitórias eram devidas a uma bruxa, ligada ao demônio. Com o desaparecimento da autora terminariam também os sucessos e o rei desacreditado seria rapidamente vencido.

Para ser convincente e justificar a execução pela fogueira, não bastaria um tribunal leigo, o julgamento tinha de ser proferido por um tribunal eclesiástico, pela Inquisição.

Eis os planos ingleses que foram executados fielmente. Os fatos falam sua linguagem clara. Ouçamos também algumas testemunhas.

Em maio de 1456, o médico Guillaume de la Chambre, ouvido no processo de reabilitação, depôs o seguinte: “Participei em vários dias do processo (condenatório)... Assinei, é verdade, mas eu o fiz forçado pelo Bispo de Beauvais... Fui avisado que, se não assinasse, teria vindo a

Rouen para minha desgraça. Por esta razão assinei. Também proferiram ameaças contra os Mestres Lohier e Nicolas de Houpeville, que seriam afogados se negassem sua participação no processo”. Certo dia Joana teve uma doença misteriosa (envenenamento?). O médico relata: “O Cardeal da Inglaterra e o Conde de Warwick mandaram chamar-me. Apresentei-me em companhia do Mestre Guillaume Desjardins e outros médicos. O Conde de Warwick disse que Joana adoecera, conforme averiguara, e nos pediu a tratasse. Por nada do mundo o rei (inglês) queria que ela morresse de morte natural. Ao rei importava muito o caso. Comprara-a por vultosa soma, não queria que morresse, salvo por sentença judicial, queimada viva. Mandou, portanto, esclarecer o caso, examiná-la com diligência e curá-la”. Várias pessoas que se mostraram favoráveis a Joana foram ameaçadas pelos ingleses a tal ponto que fugiram da cidade. Este ódio não esmoreceu até o último dia, como ainda veremos.

Nicolas de Houpeville falou nos seguintes termos: “Joana tinha cerca de vinte anos, era ingênua e sem conhecimento do direito e não podia defender-se em semelhante processo, por constante que fosse, pelo que muitos concluíam que ela tivesse uma assistência espiritual. - Nunca acreditei que o bispo (de Beauvais) tivesse instaurado o processo por causa do direito ou da fé, por exemplo, para reconduzir Joana ao bom caminho. Eles agiram por ódio, porque ela defendia a causa do rei. Nem acredito que o bispo tenha procedido coagido por medo, mas antes por vontade livre, embora outros tenham participado por medo ou para granjear o favor dos ingleses. O Conde de Warwick proferiu ameaças contra o dominicano Frei Ysambert de la Pierre, que assistia ao processo; disse ao monge que o mandaria lançar ao Sena se não se calasse.... Creio que toda a ação contra Joana foi feita por ódio do rei da França e para difamá-lo. Segundo a opinião geral, todo o processo era inválido e se cometia grave injustiça a Joana”. A

mesma testemunha foi presa por ter opinado também pela invalidade.

O medo dos ingleses é revelado de um modo grotesco por Jean Riquier que contou: “Ouvi do Mestre Pierre Maurice, do Mestre Nicolas Loiseleur que os ingleses tinham tanto medo de Joana, que não ousavam assediar Louviers enquanto ela vivesse (no cárcere). Era preciso satisfazê-los, fazer sem demora o processo e achar motivo para matá-la”.

Ouçamos finalmente a própria Joana. Na sua linguagem concisa e clara disse a vários nobres franceses e ingleses que a visitaram e interpelaram na prisão: “Bem sei que os ingleses planejam matar-me, porque esperam conquistar a França depois da minha morte. Mas se eles fossem ainda cem mil “goddams” (apelido dado aos ingleses) mais do que agora, nem mesmo assim teriam o reino”. O Conde de Stafford ficou tão exaltado que puxou a espada pela metade para feri-la. Mas o Conde de Warwick o reteve.

Estavam, pois bem patentes os motivos que instigavam os ingleses a exigir com tanta paixão o processo e a morte da sua maior inimiga.

## CAPÍTULO III

### O JUIZ

Os ingleses não precisaram procurar muito para achar o instrumento apropriado, ativo e dócil, para seus planos. Apareceu no cenário um personagem, que se devia tornar tristemente célebre na história, o Bispo de Beauvais, Monseigneur Pierre Cauchon. Entre seus contemporâneos não era um desconhecido. Já concentrara sobre si a atenção pública quando, em 1413, se ligou com o “patife Caboche”, criminoso e demagogo, que suscitou tumultos em Paris e foi responsável por horrorosas carnificinas.

A exemplo de várias testemunhas no processo de reabilitação, devemos também nós “deixar a Deus o juízo sobre a consciência” deste homem enigmático. Podemos admitir que acreditava na culpa de Joana e era movido, até certo ponto, por sentimentos religiosos. Mas não duvidava em empregar os meios mais injustos para alcançar seu fim. Ou era a ambição que o impelia? O desejo irresistível de representar em público um papel importante? Desde vários decênios era partidário da causa inglesa, confidente íntimo da corte e de Henrique VI, o rei de dez anos de idade.

Apenas ouviu da prisão de Joana d'Arc, começou uma atividade febril; nem se pode negar que agiu com habilidade. Apresentou-se ao Duque de Borgonha, regente da França dominada pelos ingleses, com uma carta da Sorbona, a célebre universidade de Paris (donde tinham fugido para Poitiers os doutores leais). Por esta carta os doutores suplicavam ao duque entregasse a bruxa ao Bispo de Beauvais, pois ela fora aprisionada debaixo de sua jurisdição espiritual. Receavam os doutores da universidade que o príncipe do inferno pudesse, pela intervenção de homens mal informados, inimigos e adversários do duque, conseguir talvez libertar sua

discípula. De modo algum o nome cristianíssimo da Casa Francesa devia ser exposto a semelhante desonra.

Outra carta dirigia o mesmo pedido a João de Luxemburgo, em cujas mãos caíra Joana.

Não bastaram meios suasórios. Na ânsia de se ver encarregado do processo, Cauchon não hesitou em comprá-lo. Ofereceu uma enorme soma (1.000 táleres e mais 300 libras de renda anual), para que Joana fosse entregue aos ingleses. Estes por sua vez retribuíram o valioso serviço e lhe confiaram a organização e direção da ação judicial. Incontinenti começou a agir.

## **CAPÍTULO IV**

### **VALOR JURÍDICO DO PROCESSO**

Para exercer a função de juiz fora da sua diocese, o Bispo de Beauvais precisava de autorização especial. Dirigiu-se ao cabido de Rouen. O Duque de Bedford apareceu na assembleia e tomou lugar entre os cônegos. Em consequência desta pressão moral a licença foi concedida “sem dificuldade”. Cauchon recebeu também cartas de garantia em que os ingleses lhe prometiam a diocese de Rouen, como recompensa de um “processo bem conduzido”.

Julgar Joana por crime de bruxaria e heresia competia ao tribunal da Inquisição. As leis eclesiásticas exigiam em tais processos a presença do bispo e do inquisidor. Mas o inquisidor tinha desaparecido. Tudo faz crer que ele reconheceu os fins políticos do processo e não queria ser implicado em causa injusta.

Cauchon dirigiu-se pois ao representante do inquisidor, o prior dos frades dominicanos, Jean le Maistre. Este respondeu que não tinha poderes jurídicos, nem queria agir no caso, tão pouco levantaria protesto se o bispo agisse sem sua participação.

Não há, portanto, a menor dúvida de que o processo, no qual Cauchon se arrogou o direito de impor a pena capital, era desde a base ilegal, alheio ao tribunal inquisitorial, uma ação particular e arbitrária.

Cauchon, que fora diretor da Sorbona, e tinha fama de grande sábio, estava consciente da ilegalidade. Se não o soubesse, o teria apreendido no correr do processo. Pediu ao jurisconsulto Jean Lohier inspecionasse as atas até então confeccionadas, e o homem honesto respondeu com toda a franqueza: “O processo é inválido porque não tem a forma

ordinária dos processos (p. ex., a falta do inquisidor); porque funciona em recinto fechado, no castelo, onde os assistentes não tem a “plena e pura” liberdade de dizer sua “pura e plena” vontade; porque está implicada a honra do rei da França, por quem Joana tomou partido, e ele não foi citado a comparecer, nem a se fazer representar; porque nenhuma informação preparatória foi feita em apoio da acusação; e finalmente porque a acusada, que é uma menina simples e ignorante, não pode responder a tantos mestres e doutores sobre assuntos tão elevados e principalmente no referente a suas revelações”.

Cauchon estava exasperado, mas resolveu continuar o processo “tão bem encaminhado”.

No dia seguinte Lohier encontrou o secretário Manchon e lhe disse com admirável clarividência: “Eles a convencerão por suas próprias palavras... Ela nunca deveria declarar categoricamente que tem revelações, mas só que lhe 'parece' ouvir vozes..., mas os juízes se guiam mais por sentimentos de vingança do que por outros motivos”. Enojado, Lohier desapareceu de Rouen.

Cauchon teve de ouvir ainda outros protestos. No processo de reabilitação Nicolas de Houpeville declarou: “No princípio do processo (condenatório) participei das deliberações. Defendi a opinião de que nem o bispo (de Beauvais), nem aqueles que iam assumir a responsabilidade do processo, tinham direito para isso. O proceder não era bom, porque os juízes pertenciam a um partido adversário, e Joana já fora examinada pelo clero de Poitiers e o Arcebispo de Reims, metropolitano do Bispo de Beauvais. - Caiu sobre mim a cólera do bispo”.

Poucos dias depois, Houpeville foi preso e internado nas prisões inglesas. Perguntando pelo motivo da detenção, afirmou que era por ordem do Bispo de Beauvais. Por pouco não foi deportado para a Inglaterra.

O testemunho de Houpeville chama nossa atenção sobre mais uma gravíssima deficiência jurídica da ação. O

Bispo de Beauvais ousava contrariar e desacreditar seu próprio superior eclesiástico, o Arcebispo de Reims, que já se pronunciara no caso, absolvera Joana, reconhecendo sua ortodoxia e vida irrepreensível.

# CAPÍTULO V

## OS ASSISTENTES

O processo arbitrário de Cauchon procedia sob a ficção de ser instaurado pela Inquisição. A legislação deste órgão judiciário exigia nas sessões uma assistência numerosa, que em certas regiões devia atingir o número mínimo de 32 jurados, ou juízes adjuntos. Este número vultoso nem bastava ao organizador. Para a ação espetacular que pretendia conseguiu reunir mais de sessenta testemunhas.

Cauchon dirigiu-se primeiro à Sorbona, a universidade de Paris. Ali todos os partidários do rei da França tinham desaparecido. O célebre Jean Gerson vivia no exílio em Lyon, onde dera um parecer favorável a Joana; em particular não vetara os trajes masculinos. Os doutores remanescentes eram adeptos da causa inglesa. A universidade apressou-se a mandar para Rouen dez dos seus maiores teólogos.

Outro convite foi dirigido aos diferentes mosteiros da Normandia. Entre os monges que responderam à chamada destaca-se o Abade de Fécamp, Gilles Duremort, que provou ser um inimigo irreconciliável de Joana d'Arc.

Todos os cônegos de Rouen e numerosos sábios privados, advogados e teólogos completavam a assistência no processo de gala, que consideramos como um dos mais escandalosos da história.

Os participantes estavam debaixo de uma pressão constante, exercida em parte pelo Bispo Cauchon de Beauvais, em parte pelos ingleses. Contra toda a equidade estavam presentes nas sessões os maiores inimigos da acusada, como o Conde de Warwick, e interferiam nas discussões.

As provas da coação nos foram fornecidas pelos depoimentos registrados nas atas do processo de reabilitação. Jean Massieu declarou aos 12-5-1456: “Segundo minha opinião o Abade de Fécamp (que dirigia os interrogatórios), era guiado mais pelo ódio por Joana e por espírito partidário, do que pelo zelo da justiça... Sei também que o Mestre Jean Le Maistre, inquisidor (era substituto do inquisidor, como vimos), protestou e fez o possível para não participar. Foi-lhe, porém, declarado que sua vida estaria em perigo se não participasse do processo. Obedeceu forçado pelos ingleses, e ele próprio me disse: Estou compreendendo, quando não se faz, nesta causa, a vontade dos ingleses, a morte não está longe”.

Martin Ladvenu, o último confessor de Joana, falou nestes termos: “Tenho a impressão de que alguns só assistiam ao processo por medo dos ingleses, outros para lhes agradar... Sei também que Joana não tinha durante o processo conselheiro jurídico algum, afora pelo fim do processo. Ninguém teria ousado dar-lhe conselho ou guiá-la, por medo dos ingleses. Eu vi Joana, quando fora trazida para Rouen. Não tinha instrução. Tinha cerca de vinte anos. Sabia apenas o Pai-Nosso, mas deu respostas prudentes nos interrogatórios”.

Tomando ao pé da letra certos testemunhos do segundo processo, eles parecem supor má-fé em quase todos os assistentes do primeiro processo. É duro. Preferimos admitir com o biógrafo Sven Stolpe que muitos dos participantes acreditavam realmente na culpa de Joana. Ela combatia os ingleses, e muitos franceses, como vimos, consideravam justa a sua causa.

Era a época em que a crença das bruxas obcecava os homens mais ponderados. De Joana ouviam-se boatos tão exagerados e estranhos, que só podiam, segundo a mentalidade daqueles tempos, serem interpretados como ações diabólicas, provas convincentes de que a misteriosa guerreira era uma bruxa e como tal só podia expiar seus crimes na fogueira.

Contavam que Joana teria distinguido uma hóstia sagrada de outra não consagrada. Teria desmascarado um soldado que era mulher disfarçada, acrescentando que era grávida e tinha morto um filho. Sem uso de armas teria libertado cidade após cidade. Em meio de uma refeição teria rompido em gargalhada, dizendo aos convivas atônitos: que devia alegrar-se, pois naquela hora quinhentos ingleses se teriam afogado na viagem para a França e três dias depois teria vindo a confirmação. O próprio duque de Bedford atribuía a morte de Salisbury aos “encantamentos de uma mulher diabólica, uma discípula do demônio, sedenta de sangue, chamada a “Pucelle”, que usava magia e encantamentos e assim causava a ruína de cavaleiros cristãos ingleses... Era uma herege satânica e vergonhosa...” O duque ficou exasperado vendo o medo supersticioso que se apoderava dos seus soldados causando numerosas deserções.

“As lendas desacreditavam entre os partidários dos ingleses e borguinhões a salvadora da França, eram os argumentos da sua culpa e ajuntaram a lenha para sua fogueira” (Sven Stolpe).

## CAPÍTULO VI

### A ACUSADA

Poucos dias depois do aprisionamento Joana foi levada a Noyon, mais tarde a Beaurevoir, onde ouviu que ia ser entregue aos ingleses. Aterrorizada, fez uma arriscada tentativa de fuga, deixando-se cair da altura de vinte metros. Reconheceu mais tarde sua falta e confessou que as “vozes” lhe tinham desaconselhado a ação. Contudo deve-se considerar como proceder malicioso e de má-fé, quando no processo interpretaram o salto desesperado para a liberdade como tentativa de suicídio. Quase por milagre ficou ileso, mas desmaiou e foi reconduzida à prisão.

Depois da extradição aos ingleses, foi internada num castelo em Rouen. Por medo que a feiticeira pudesse escapar, vigiaram-na com extremo rigor. Três soldados ingleses estavam dia e noite no mesmo recinto, enquanto dois vigiavam diante da porta. Eram sujeitos de baixa rale que injuriavam a prisioneira. Ela se sentia perpetuamente ameaçada por esta gente ordinária. Certa vez os guardas quiseram fazer-lhe violência. A seus gritos acorreu o Duque de Warwick, casualmente presente e impediu o ato. É um dos crimes cometido contra a indefesa mulher, tê-la entregue a estes homens viciados durante todo o tempo da sua prisão. Veremos que ela pode ser considerada mártir da pureza.

Ainda não bastava a vigilância de cinco guardas. Um medo quase supersticioso de que a “bruxa” pudesse burlar qualquer vigilância induziu os carcereiros a mandar construir uma gaiola de ferro. Ela foi realmente fabricada, mas é duvidoso que Joana jamais fosse encerrada nela. Era em troca acorrentada dia e noite nos pés, mãos e pescoço.

É neste recinto e no mais completo abandono pelos homens, que Deus prepara sua escolhida para o martírio.

Ela tinha a dupla missão, de ser a salvadora da França na luta cruenta contra os invasores e seu modelo e heroína por sua virgindade ilibada e a morte. Não são muitos os homens que compreendem a psicologia dos santos, a purificação gradual da sua alma pelo sofrimento, a entrega completa nas mãos da providência e a aceitação espontânea de uma sorte tão contrária aos sentimentos naturais. Joana sentia-se oprimida por seus pensamentos e apreensões. Estaria abandonada por Deus? Teria faltado por orgulho? As “vozes” animavam-na, dizendo que confiasse que seria libertada por uma grande vitória; mas ao mesmo tempo falavam do seu martírio. Ela ignorava que o próprio martírio seria a vitória.

No undécimo interrogatório – ao todo houve 17 – Joana declarou: “Santa Catarina me afirmou que teria auxílio. Não sei se me libertarão da prisão, ou se haverá um tumulto que me poderá trazer a liberdade. Penso que será um ou outro. Geralmente as vozes me dizem que serei libertada por uma grande vitória, e em seguida dizem: Aceita tudo. Não tenhas medo do teu martírio, no fim entrarás no paraíso! Elas afirmam-no incondicionalmente. Eu chamo “martírio” os apertos e aflições que sofro na minha prisão, nem sei se devo sofrer ainda mais, mas confio no Senhor”.

Joana tinha uma força de vontade excepcional, mas, como todos os homens, receava os sofrimentos. Cautelosas, as santas mártires que falavam nas “vozes” preparavam sua êmula para o grande sacrifício. Os termos eram velados e até quase o último momento de vida Joana não os compreendeu completamente. Mas nos longos meses do horrível cativeiro ela cresceu, mais heroica do que nas batalhas sangrentas, e chegou finalmente à “grande vitória”, compreensível só à luz da vida eterna que as vozes lhe prometiam sem restrições.

## CAPÍTULO VII

### CURSO DO PROCESSO

Não se pode sem mais citar perante o tribunal um homem honesto e de boa fama. Pierre Cauchon, o “zeloso” Bispo de Beauvais, constituído juiz de Joana d'Arc, por carta de sua majestade Henrique VI, “rei da Inglaterra e da França”, pediu diretivas a juristas competentes. Estes o informaram que devia começar por um processo preparatório que reunisse os pontos de acusação e justificasse o procedimento contra a acusada.

Obedecendo às diretivas, o bispo expediu observadores para recolher as informações necessárias sobre os antecedentes de Joana. Certo Nicolas Bailly foi mandado à terra natal da acusada, donde trouxe um relatório extenso. Mas quando Cauchon o inspecionou raivejou-se. Tudo era favorável a Joana, não se achara um só que quisesse depor contra ela. O material era imprestável. O malsucedido espião foi descomposto e despachado sem remuneração.

Com tais informações era impossível proceder. Cauchon dissimulou-as, e nunca as mencionou durante o processo. Também constatou depressa que era inviável acusar a vida moral da que todos chamavam a Virgem de Orléans. As investigações que já fizera o Arcebispo Regnault em Chinon e Poitiers, a fama que ela granjeara na sua vida pública, todas as informações recebidas pelo próprio Cauchon e as diligências que ainda fez, só patentearam o fato da incontaminada pureza da sua vítima. Ela estava tão fora de suspeita que durante todo o processo nunca se formulou acusação contrária.

Tendo fracassado no empenho de descobrir crimes, o indigno pastor de almas e improvisado juiz não recuou diante da infâmia de mandar espionar a prisioneira, para ela se comprometer por comunicações confidenciais. O

principal espião foi Nicolas Loiseleur, cônego de Rouen. Um dos secretários do processo, Boisguillaume, contou mais tarde: “Mestre Nicolas Loiseleur fez-se passar por um sapateiro da Lorena, fiel ao rei e aprisionado por seus adversários. Entrou na prisão e conjurou (perfidamente) a Joana de não dar fé aos clérigos. “Se lhes acreditares estarás perdida...” Muitos assessores do processo murmuravam contra ele. De resto este Loiseleur morreu repentinamente em Basileia; ouvi que estava todo transtornado quando viu Joana condenada à morte. Subiu ao carro e pediu-lhe perdão... Do mesmo modo entrou na prisão o Mestre Jean d'Estivet, fingindo, como Loiseleur, ser prisioneiro... Era um sujeito mau... Ofendia gravemente Joana, chamando-a de “suja meretriz”. Acho que Deus o castigou, porque acabou miseravelmente. Acharam-no morto num pombal de Rouen”.

De outras testemunhas sabemos que Loiseleur trouxe saudações inventadas do rei.

O fato da espionagem era tão notório que na cidade se propagou o boato de uma “aparição” que Loiseleur teria encenado, apresentando-se a Joana disfarçado em Santa Catarina, e conseguindo enganá-la. Sven Stolpe não exclui a possibilidade do fato. Contudo devemos rejeitá-lo. Se Joana fosse enganada por um meio tão primitivo, teria fornecido arma poderosa aos juízes e dado uma orientação diferente ao processo.

A menina ingênua confiou realmente no espião Loiseleur e lhe falou sem constrangimento. Entretanto dois notários, sentados num aposento vizinho, junto a uma abertura da parede, anotavam tudo o que ela dizia. Quando começou o processo, Cauchon tinha sua instrução acusatória pronta.

No dia 21 de fevereiro o juiz reuniu 42 assistentes numa grande sala do mesmo castelo em que vivia o jovem rei inglês Henrique VI e sua grande adversária, a “Pucelle” de Orléans. Não sabemos se o rei jamais a viu.

Foi trazida a acusada e o processo começou. Desde o início a jovem de apenas 19 anos, completamente sem estudos, mostrou uma madureza, prudência e ponderação acima da idade. Revelou grande agudeza de espírito. Vários ficaram tão admirados que atribuíam suas respostas a uma inspiração sobrenatural. Soube responder satisfatoriamente e sem se comprometer as perguntas mais capciosas e insidiosas de abalizados doutores. Se tivesse mais experiência nos negócios forenses, poderia desvendar toda a falta de legalidade e sustar a ação.

Ela começou por exigir que entre seus juízes houvesse também partidários do rei. A exigência era justa. Infelizmente ela não insistiu e o juiz supremo, Cauchon, não respondeu, nem permitiu que o fato fosse registrado nas atas.

Joana negou-se também a fazer incondicionalmente o juramento de dizer toda a verdade sobre o que lhe pudessem perguntar e sustentou em várias sessões discussão com o juiz. Jurou dizer toda a verdade em matéria do processo.

Já na primeira sessão originou-se um tumulto em consequência de umas respostas decididas de Joana. Os secretários não podiam mais entender as perguntas e respostas. Aconteceu então que Cauchon começou a ditar em latim. Mas o secretário Manchon negou-se a escrever. Tinha compreendido bastante para saber que a acusada respondera de modo diferente. Joana tinha razão quando, na mesma sessão, fixou Cauchon e lhe disse: “Eu sei que sois meu inimigo”.

Manchon, por sua vez, conservou sua honradez até o fim do processo. No fim do segundo interrogatório Cauchon quis “corrigir” os protocolos. Manchon se opôs. Joana foi chamada e constatou-se que o protocolo estava certo. Em cinco dias seguidos o juiz fez a mesma tentativa de falsificação.

Na terceira sessão a jovem elevou-se a uma altura quase sobrenatural. Em presença de 63 assistentes ela apostrofou o bispo: “Eu vim de Deus e não tenho nada a fazer aqui. Mandai-me de volta a Deus que me mandou!” E mais uma vez: “A voz me mandou responder afoitamente... Vós dizeis que sois meu juiz. Precatai-vos no que fazeis, porque em verdade eu sou enviada por Deus e vós vos expondes a um grande perigo”. Mais tarde ela tornará a lembrar o castigo de Deus.

Quem lê as atas dos inquéritos não sabe se deve mais estranhar as perguntas tão difíceis dirigidas a uma ignorante, ou admirar as respostas tão sisudas da moça. Certa vez o juiz de instrução perguntou: “Sabes se estás em estado de graça?”

Isso era demais! Um dos assistentes exclamou: “Semelhante pergunta não deve ser dirigida à menina”.

Cauchon berrou com furor: “Silêncio!”

Joana respondeu: “Se não estiver em estado de graça, peço a Deus me restitua nele; mas se estiver em estado de graça, peço a Deus nele me conserve”.

Admirável resposta! Ela evitou de se arrogar uma ciência que se compete a Deus. Ninguém a podia incriminar (embora depois o fizessem mentirosamente). Ao mesmo tempo patenteou uma consciência tranquila, confiante em Deus. Com o mesmo acerto acrescentou: “Se não estivesse em estado de graça, penso que a “voz” não voltaria a mim”.

Joana foi sujeita a seis interrogatórios públicos, em que a assistência variava entre 42 e 62 juizes-adjuntos. Depois seguiram ainda onze interrogatórios suplementares, no cárcere, com a presença de poucas testemunhas. Cada sessão durava várias horas.

As perguntas choviam sobre a pobre menina: Se participara de ações supersticiosas; se curara doentes com seus anéis; quando, como, onde lhe falavam as “vozes”; como eram vestidos os santos que apareciam; se Deus odiava os ingleses; se Deus lhe mandava odiar os

borguinhões; por que usava trajes de homens; se não estava consciente de pecado mortal por ter atacado Paris em dia de festa, ter saltado da alta torre, trazer roupa de homem, ter consentido na execução de um malfeitor?

Finalmente o juiz de instrução começou a perguntar se Joana sujeitava suas palavras e obras, fossem boas ou más, à decisão da Santa Mãe Igreja. Logo percebeu que abordara um assunto em que podia encabular e enredar a ignorante jovem. Tratava-se das questões mais difíceis da doutrina e disciplina eclesiástica, que provocaram a ruína de hereges apóstatas da Igreja, e geraram inúmeras controvérsias no seio da própria Igreja. Era iníquo pôr semelhantes perguntas a quem não as estudara e mais injusto ainda condená-la por respostas erradas.

Sujeitar-se à Igreja significava, nas circunstâncias dadas, sujeitar-se ao Bispo de Beauvais e seu tribunal partidário. A moça inexperiente não sabia distinguir entre a Igreja na terra e Deus que lhe falava pelas vozes. Ela se sujeitava a Deus, não bastaria? Assim ela respondeu no oitavo interrogatório particular: “Eu apelo a Nosso Senhor que me mandou; a Nossa Senhora e todos os santos do paraíso. Parece-me que Nosso Senhor e a Igreja são a mesma coisa. É bem simples. Por que fazeis dificuldades com isso?... Eu vim por ordem da Igreja Triunfante, a esta sujeito todas as minhas ações. Quanto à sujeição à Igreja Militante não posso no momento dizer mais nada”.

O décimo interrogatório era curto e tinha evidentemente o fim de fazer constar a “obstinação” da infeliz vítima de uma astúcia superior. Extraímos os seguintes tópicos:

**Pergunta:** “Queres sujeitar-te ao juízo da Igreja Militante (= Igreja na terra) em tudo o que disseste... em particular pelos crimes de que és acusada e tudo o que se relaciona com o processo?” (Aqui está acintosamente entrelaçado sujeição à Igreja de Deus e a um tribunal

injusto, que pretendia representar a Igreja. O que poderia responder a interpelada?)

**Joana:** “Eu apelo à Igreja Militante, à condição de que ela não exija coisa impossível”.

**Pergunta:** “Se a Igreja Militante te disser: Tuas visões são ilusões, fantasmagorias do demônio. Tu te sujeitas à Igreja?”

**Joana:** “Apelarei a Deus... O que confessei no processo, eu sei o que fiz por ordem de Deus, é-me impossível fazer o contrário. Se a Igreja Militante me ordenasse, não apelaria a nenhum homem na terra, mas só a Deus, cuja vontade sempre cumpri”. (Joana nem vislumbrou a possibilidade de ser enganada pelas vozes, nem a necessidade de que haja também na terra uma autoridade que possa julgar semelhantes revelações).

**Pergunta:** “Não crês que te debes sujeitar à Igreja na terra, ao Santo Padre o Papa, aos cardeais, arcebispos e outros prelados da Igreja?”

**Joana:** “Sim. Mas devo primeiro obedecer a Deus”. Alguns dias mais tarde ela disse também: “Levai-me ao Papa e lhe responderei”.

Estas difícilimas perguntas sobre a Igreja foram tratadas no último interrogatório, aos 31 de março. As respostas parcialmente erradas constituem a única culpa que se pode atribuir à acusada. Até que ponto se faltou à equidade em frente a uma iletrada, podemos inferir do procedimento de um bispo que teve que pedir esclarecimentos a um teólogo para opinar sobre questões do processo, propostas a Joana. Acontecia o que previra o jurisconsulto Lohier: os doutores em lei iam condenar a ignorante por suas próprias palavras. Mas o proceder tão monstruosamente iníquo, era também formalmente injusto, o que se patenteou mais tarde, quando o processo de reabilitação revelou os segredos das sessões, realizadas em recinto ilegal. A injustiça, como veremos, consistia no fato

de Joana se ter sujeitado expressamente à Igreja e o tribunal não o ter tomado em consideração.

Já no dia 27 de março, Tomás de Coucelles tinha começado uma leitura com a constatação de que o tribunal tinha completa competência. Joana respondeu que se subordinava ao Santo Padre em Roma, mas exigia também ser-lhe apresentada. Nunca se sujeitaria a seus inimigos.

Neste momento o dominicano Ysambert lhe segredou para se sujeitar ao concílio universal. Joana perguntou o que era um concílio universal. O frade lhe explicou rapidamente e Joana, elevando a voz, exigiu ser apresentada ao concílio de Basiléia, reunido precisamente naquele tempo.

Fora de si de cólera, Cauchon ordenou ao secretário a omitir estas palavras, a que Joana contestou: “Por que só notais o que é contra mim e não também o que é em meu favor?”

As apelações de Joana ao Papa e ao concílio continham implicitamente a sujeição à Igreja e invalidavam juridicamente a sentença do tribunal informe.

Na tarde do mesmo dia Joana foi visitada na prisão por Jean de la Fontaine, Ysambert de la Pierre e Jean Duval. Avisaram: Não acredites que este tribunal represente a Igreja Militante. A única forma legal na tua causa é o concílio, o único a quem tens de reconhecer como autoridade é o Papa... Durante a conversa Warwick irrompeu na prisão. Notara o auxílio que Ysambert prestara a Joana na sessão. Furibundo, ameaçou de mandá-lo lançar ao Sena. Os visitantes fugiram apavorados.

## CAPÍTULO VIII

### A ACUSAÇÃO

Depois dos intermináveis interrogatórios o bispo-juiz devia formular a acusação. A tarefa era complicada. Para não assumir toda a responsabilidade, ele procurou pronunciamentos favoráveis à condenação. As atas dos interrogatórios eram imprestáveis para este fim. Elas revelavam com demasiada clareza a completa falta de culpa. Promulgá-las significaria criar um clima de benevolência e estima para Joana.

Cauchon redigiu uma longa acusação de 70 pontos, 70 crimes que, com seus cúmplices, tinha descoberto na vida da acusada. Quem compara nas atas as verdadeiras respostas de Joana com esta composição fica estarrecido: “Joana teria feito muitos atos de magia e bruxaria; tratado com demônios e fadas desde a infância; procurado fortuna com a raiz mandrágora (Joana negara todos estes fatos e não houvera uma única testemunha das acusações); teria afirmado heresias; citado diante do tribunal um homem que não queria casar com ela (o caso era exatamente o contrário: o homem a quisera obrigar ao casamento); aceito trajes masculinos contrariando a lei divina; descoberto em Fierbois uma espada, ajudada pelos demônios; afirmado ter derramado sangue por ordem divina (ela nunca ferira pessoalmente um inimigo); feito falsas profecias; afirmado atrevidamente estar em estado de graça; cometido tentativa de suicídio; blasfemado contra Deus; escrito ao Duque de Bedford uma carta inspirada pelos demônios; estado aliada a demônios que chamava anjos; atacado Paris em dia de festa; gotejado cera nas cabeças de crianças para predizer o futuro; recusado a sujeição à Igreja Militante (nesta altura Joana exclamou, quando lhe fizeram a leitura dos 70 pontos: “Não! Eu respeito e estimo de coração a Igreja Militante.

Apelo ao Santo Padre, o Papa e ao santo concílio!” - Cauchon vociferou...)

O bispo não se pejou de inserir no documento como crimes provados as acusações de uma mulher fraudulenta Catherine de la Rochelles, recolhendo meros boatos.

Este documento, um dos mais cínicos da história, termina com a franca e descarada mentira: que a acusada “confessou e reconheceu como verdadeiras todas as acusações enumeradas”.

É possível que Cauchon reconhecesse deficiências nos 70 artigos e os mandou concentrar e reduzi-los a 12, todos tão aleivosos como os anteriores. Esta forma compendiada foi distribuída às autoridades da cidade, e também enviada à Sorbona. Cauchon recebeu muitas respostas que não lhe agradaram, mas os doutores da Sorbona acreditaram nas mentiras e mandaram três doutores para esclarecer sua posição.

Em sessão solene, reunida aos 19 de maio, os representantes da célebre universidade aprovaram o “combate varonil, a sabedoria comprovada, a vigilância, a sagacidade do Bispo de Beauvais, que glorificava o nome de Deus e a honra da fé”. Joana era condenada sem restrições.

Forte por este apoio, Cauchon solicitou em seguida o veredito de cada um dos juízes-assistentes. Um por um se levantaram estes instrumentos sem caráter de uma vingança política (os bem-intencionados tinham fugido) e declararam-se solidários com o juízo da Universidade. A sorte de Joana estava decidida.

## CAPÍTULO IX

### ABJURAÇÃO

Aos 24 de maio Joana é tirada da prisão, tem de subir a um carro para ser levada ao cemitério Saint-Ouen. Ali há estrados para as autoridades, apinha-se o povo e a soldadesca inglesa. É o dia da sentença condenatória e o povo espera ter o espetáculo sinistro de uma execução na fogueira.

O traidor Loiseleur, que Joana considera ainda como amigo, aproxima-se e lhe segreda que seria poupada se consentisse em aceitar vestidos de mulher e fizesse o que diziam os sacerdotes... em particular seria tirada da prisão inglesa e entregue à Igreja. Joana dá-lhe fé.

No cemitério começa o ato com um longo sermão, pronunciado por Guillaume Erards. Em seguida fala Cauchon, lendo a sentença. Nesta altura se origina uma confusão entre os assistentes. Volta Loiseleur com suas recomendações, um inglês pragueja contra Cauchon, este responde chamando o interpelante de mentiroso, intromete-se o Cardeal da Inglaterra... Tragam a Joana um documento de abjuração.

“Não sei o que significa abjurar”, responde ela.

Tendo recebido algumas explicações, ela acrescenta: “Apelo à Igreja Universal no que devo abjurar”.

Erards grita que deve abjurar imediatamente senão será queimada viva... e em voz conciliatória: “Faze o que te aconselham e serás libertada da prisão!”

Ninguém sabe o que Joana queria dizer, nem quanto compreendeu. Sem dúvida estava tão perturbada que só compreendia o perigo iminente da morte horrenda na fogueira e a salvação que se lhe oferecia, se concordasse com os graves homens eclesiásticos que lhe prometiam

liberdade, quase só sob a condição de vestir trajes femininos.

Apresentaram e leram-lhe a cédula de abjuração. Extenuada, horrorizada pela ameaça da morte, ela consente finalmente em assinar. Alguém lhe guia a mão, fazendo-a traçar seu nome: “Jehanne”.

O que Joana compreendeu e assinou há de ficar um eterno mistério. A folha continha só seis linhas, por conseguinte podia só conter alguma declaração vaga que revogava seus erros, prometia sujeição à Igreja e vestir roupa feminina. Cauchon cometeu mais uma criminosa falsificação, inserindo nas atas do processo um documento de 60 linhas (contendo a confissão das inomináveis acusações, especificadas nos 12 artigos), que Joana teria assinado em Saiut-Ouen. Concordamos com Petitot, a quem aqui seguimos, que o documento fraudulento teria sido rejeitado com horror por Joana, se lhe tivessem apresentado. O texto era vago, Joana se dirigiu naquele momento quase exclusivamente pelas exortações, feitas de viva voz, e as promessas reiteradas de ser retirada da prisão leiga, como veremos depois.

Não haverá fogueira naquele dia. A “culpada arrependida” é trazida de volta à prisão. O povo tumultuava, uma chuva de pedras cai sobre os estrados. Os mais furiosos são os ingleses. Acusam Cauchon e os juizes de subtrair a bruxa ao castigo merecido. Durante vários dias nenhum membro do tribunal pode mostrar-se em público sem correr risco de morte.

A handwritten signature in black ink that reads "JEHANNE". The letter 'J' is large and stylized, with a long vertical stroke extending downwards. The word "JEHANNE" is written in a cursive, slightly slanted font.

Suposta assinatura de Joana d'Arc.

*Mas deve-se ter em conta como se produziu esta assinatura: forçada a assinar o documento de abjuração, foi o escrivão quem sustentou a mão e lhe dirigiu para que a pluma traçasse a palavra JEHANNE (Joana); se bem que era a sua mão que sustentava a pluma; a caligrafia e a*

*direção do traço correspondem ao escrivão. É falso que seja a assinatura de Joana d'Arc: nem ela mesma reconheceu o que tinha escrito. Portanto, não é outra coisa senão o seu nome escrito pelo escrivão para o documento de abjuração. O que se tem dela é um X rubricado por sua própria mão. Mas nem sequer isso se pode considerar um testemunho escrito.*

# CAPÍTULO X

## A RELAPSA

Confiando nas promessas recebidas em Saint-Ouen, Joana aceitou trajes femininos e esperou ser levada a uma prisão eclesiástica, ser vigiada por uma mulher e poder assistir à Santa Missa. Mas foi outra vez confiada aos mesmos guardas ingleses. Estes, participando da decepção e ódio de todos seus conterrâneos, maltrataram-na mais desumanamente do que nunca. Com todas as forças ela se defendeu contra agressões desonestas.

As circunstâncias fazem crer que era jogo premeditado induzir a prisioneira a reassumir os trajes masculinos e fornecer assim ensejo para nova ação judiciária. Um ou dois dias depois da volta à prisão, os guardas esconderam os trajes femininos deixando só os proibidos. Mais tarde restituíram o vestido de mulher, para acusar Joana de má vontade, caso ela o repudiasse. Mas Joana não o aceitou por motivos que logo ouviremos.

Em breve a vítima de uma trama diabólica convenceu-se de que fora enganada. A prisão era a mesma e, segundo a sentença, devia ser eterna. As santas que lhe falavam repreendiam sua infidelidade. De repente espalhou-se a notícia de que Joana, na sua impiedade, vestia de novo trajes masculinos.

Imediatamente Cauchon foi à prisão, onde a encontrou desfigurada, ensanguentada pelos maus tratos, chorosa, cabelo raspado, trajada de homem. Era aos 28 de maio, dois dias antes da morte.

Ouçamos o último diálogo da prisioneira que, arrependida de sua fraqueza passageira, sobe ao cume do heroísmo.

**Cauchon:** “O que significa isso?”

**Joana:** “Sim, tornei a pôr os trajes masculinos, tirei os femininos”.

**Cauchon:** “Prometeu e jurou não mais vesti-los”.

**Joana:** “Era mais conveniente, porque estou em meio de homens. Tornei a vesti-los porque não guardastes a vossa palavra. Prometestes que eu poderia assistir à Santa Missa, receber o corpo de Nosso Senhor, ficar fora destas cadeias de ferro”.

**Cauchon:** “Não abjuraste e prometeste não mais vestir esta roupa?”

**Joana:** “Prefiro morrer a estar em cadeias. Mas se me deixam ir à Missa, me tiram as cadeias, levam-me a uma prisão decente em presença de uma mulher, então sujeitar-me-ei e farei o que a Igreja me mandar”.

**Cauchon:** “Ouviste tuas vozes?”

**Joana:** “Sim”.

**Cauchon:** “O que disseram?”

**Joana:** “Deus fez-me saber, por intermédio de Santa Catarina e Santa Margarida, a grande miséria da minha traição, em que consenti para salvar minha vida. Antes da quinta-feira (dia da abjuração) minhas vozes me anunciaram o que eu faria e naquele dia também o fiz. Elas me disseram no estrado em que estava, que respondesse destemidamente ao pregador. Mau eu o chamo um falso pregador, porque disse que eu teria feito o que não fiz”.

**Cauchon:** “No estrado confessaste ter bazofiado mentirosamente que tuas vozes tivessem sido de Santa Catarina e Santa Margarida”.

**Joana:** “Não o compreendi assim. Não pensei abjurar minhas aparições, quer dizer Santa Catarina e Santa Margarida. Tudo o que fiz foi por medo do fogo. O que revoguei era contrário à verdade. Prefiro fazer penitência de uma vez e morrer do que suportar mais tempo os sofrimentos da prisão. Nunca agi contra Deus nem contra a fé, embora vós me obrigásseis a revogar. Do que estava

escrito no documento da abjuração não compreendi nada. Não tinha na mente revogar qualquer coisa, fora se fosse do agrado divino. Se quiserdes tornarei a revestir os trajes femininos. Quanto ao resto, não mudarei nada”.

# CAPÍTULO XI

## SUPREMO SACRIFÍCIO

Saindo da última entrevista com sua vítima, Cauchon sabe que ela está perdida. Estará triste o pastor de almas de vê-la “impenitente”? Com assombro constatamos que neste ser degenerado prevalece a satisfação de contentar seus fautores ingleses. Encontra um grupo deles, reunidos com o Conde de Warwick, em espera impaciente. Cheio de alegria exclama: “Farewell! Farewell! Estejam sem cuidado! Tudo em ordem!”

No dia seguinte ele reúne 42 teólogos e lhes expõe que, depois da solene retratação, Joana reassumiu os trajes proibidos. Cala acintosamente as razões, os maus tratos, as tentativas de violação (aliás também omitidas no relato da última entrevista, os fatos só se esclareceram mais tarde). Todos concordam em que a ré é relapsa e deve ser entregue ao braço secular. Não se atende a uma única voz discordante que exige indagação pelo motivo da mudança de traje. A sentença é rápida e já no dia seguinte a inocente vítima será executada. Segundo a terminologia da Inquisição “relapso” é um réu que abjurou seus erros, mas depois tornou a professá-los. Para um relapso não há mais clemência, é infalivelmente executado.

Cedo no dia 30 de maio do ano 1431, Joana é avisada que neste dia será queimada viva. Começa a chorar: “Oh! Que me tratam tão terrível, tão cruelmente! Oh! Que hoje meu corpo, que nunca degradei, deve ser consumido e reduzido a cinzas! Oh! Oh! Teria preferido ser sete vezes decapitada.... Oh! Se só gente da Igreja e não meus inimigos me tivessem vigiado! ... Diante de Deus acuso estes guardas e os homens que lhes deram entrada aqui, por causa dos assaltos e atos de violência a que me sujeitaram... Apelo para Deus dos males e das injustiças que me fazem!”

Entra Cauchon e ela lhe diz: “Bispo, sois vós que me matais”.

O bispo lhe diz que recaiu nos seus erros, mas ela contesta: “Nunca teria acontecido se me tivessem concedido prisão eclesiástica, pelo que eu apelo de vós para Deus”.

“Hoje de noite espero estar no paraíso”.

Joana é condenada como herege impenitente, mas illogicamente Cauchon lhe permite confessar-se e receber a sagrada comunhão. Ele conseguiu seus fins políticos, o resto não lhe importa. Em seguida, Joana é levada à praça do mercado.

A mártir já se vê no limiar da eternidade. Reza sem interrupção:

“Santíssima Trindade, tem piedade de mim!”

“Santa Maria, rezai por mim!”

“Santa Catarina, Santa Margarida, ajudai-me!”

Lembra-se generosamente de promulgar a honra incontaminada do rei Carlos VII e - como lembra São Pio X por ocasião da beatificação (15/5/1909) - “admiravelmente forte no supremo sacrifício, pede a Deus perdoe a seus algozes e salve a pátria e o rei”.

Pede a quem tenha feito mal e perdoa o mal que lhe fizeram.

“Vós sacerdotes que estais aqui, rezai cada um uma Missa por mim!”

“Dai-me um crucifixo! - Um soldado inglês quebra um pau e ata os dois pedaços em cruz. Joana aceita-a. Um padre traz um crucifixo da vizinha Igreja Saint-Sauveur e ela pede lhe mostre até morrer.

As cenas são tão comoventes que o próprio Cauchon e os juízes ingleses vertem lágrimas. Mas o simulacro de justiça humana continua sua farsa. Cauchon profere a sentença, concebida em termos inexoráveis e duros, que melhor quadravam na sua pessoa do que na Pucelle, e

entrega a condenada às autoridades seculares. Dois oficiais apoderam-se de Joana e a levam aos juízes civis. Estes só dizem: “Levai-a à fogueira!”

A fogueira tem altura descomunal. Joana sobe e é atada ao poste no meio.

Quando o fogo a atinge, ela não grita nem se lamenta. Várias vezes exclama: “Jesus! Jesus!” Em breve o sacrifício está consumado.

\*\*\*

Muitos se tinham retirado para não presenciar o horrendo espetáculo. O algoz estava desesperado do que fizera. Um dos juízes de Joana não cessou de repetir: “Oxalá minha alma estivesse ali, onde agora está a dela!” As cinzas de Joana foram atiradas ao rio Sena.

A cidade de Rouen conserva viva a lembrança da inocente vítima. Cada ano, no dia 30 de maio, meninas, vestidas de branco, lançam flores ao Sena, no lugar onde ele recebeu as sagradas cinzas.

“Mas a fama de sua santidade e a recordação dos seus feitos... viveu... e viverá no futuro, com sempre renovado louvor” (Papa Pio X, 15-5-1909).

## **III PARTE: REABILITADA**

### **CAPÍTULO I**

#### **A ATITUDE DO REI**

A prisão da Pucelle de Orléans causou estupor, excitação e tristeza entre todos os patriotas franceses. Em muitos lugares fizeram suplicações públicas por sua libertação. O Arcebispo de Embrun escreveu uma carta ao rei, recomendando examinar-se a si próprio se não tinha, por seus pecados e omissões, provocado aquele castigo da prisão de Joana. Conjurou o rei a não poupar dinheiro nem meios de força, para livrar a virgem e salvar-lhe a vida. Se não o fizesse, o rei corria perigo de arcar com a vergonha indelével de abominável ingratidão.

A posteridade acusou Carlos VII, o “filho tarado de um pai louco”, não só desta incompreensível indiferença frente à sorte da sua salvadora, mas ainda de outras faltas graves. O mais recente biógrafo de Joana d'Arc, Sven Stolpe, pretende diminuir a culpabilidade do rei, ao menos em outros setores do seu governo e vida particular. Mas quanto à prisão de Joana permanece o fato estranho de que não consta o menor esforço do rei pela sua libertação.

Depois da horrenda morte de Joana, a tristeza dos patriotas cedeu à indignação e vergonha em face do indizível assassínio jurídico. A opinião pública exigiria cedo ou tarde uma reabilitação. Na própria Rouen o povo apontava com os dedos os implicados no processo e externava seu repúdio.

Entretanto a salvadora da França, tão injustamente perseguida por uma parte de sua pátria, e ingratamente abandonada pela outra, resgatara com seu sangue não

vingança, mas o complemento da sua missão. Ia-se cumprir sua profecia sobre a total libertação da França do jugo inglês.

Não fora talvez, nos planos da Providência, a morte de Joana um meio mais eficaz do que sua atividade bélica, para acordar o rei da sua inércia, recordar seu dever aos vassallos, excitar o povo ao combate?

Antes de terminados os sete anos de que falara a vidente, começou a mudar a sorte da guerra. Filipe o Bom, Duque de Borgonha, pôs fim à sua traição, desligando-se dos ingleses e tirando-lhes seu poderoso auxílio. Em 1436 também a cidade de Paris abriu as portas ao rei legítimo. Assim já se realizaram as palavras de Joana de que os ingleses iam perder mais do que diante de Orléans. Mas não pararam ali seus revezes. Reformas governamentais tinham fortalecido o poder do rei e aumentado a combatividade do seu exército. Em avanços irresistíveis as forças francesas conquistaram cidades, venceram batalhas, até aniquilar, em 1452, o último exército inglês.

Em 1449 foi reconquistada Rouen. Ruth Imhoff diz (Atas dos Processos) que o rei cavalgou pela mesma rua onde Joana fora levada à morte, passou pela praça da fogueira, viu o castelo e a torre da prisão, e em todo o caminho seu espírito via a Pucelle, que o acompanhava e contemplava. Impossível resistir a este aviso mudo. O rei lembrou-se do seu dever e da mesma cidade de Rouen enviou portaria a Guillaume Bouillé, reitor da Universidade de Paris, ordenando-lhe investigações sobre o processo injusto que condenara sua grande benfeitora.

## CAPÍTULO II

# INTRODUÇÃO DO PROCESSO

Guillaume Bouillé agiu sem demora. Ouviu várias testemunhas. A reabilitação de Joana estava em marcha. Ela foi reativada em 1452 pelo Cardeal d'Estouteville, legado do Papa Nicolau V. O cardeal foi a Rouen e achou no dominicano Jean Bréhal um partidário apaixonado da reabilitação. Bréhal era inquisidor-mor da França e para ele a revisão do processo significava também reabilitação da Inquisição, em cujo nome fora praticado o monstruoso crime judiciário. Em breve o inquisidor reuniu um número suficiente de testemunhos e recomendou a instrução da ação judiciária.

Em nome de quem se deveria proceder? O rei não podia figurar como acusador. Mas vivia ainda em Orléans a mãe de Joana. O próprio Papa Calixto III incumbiu esta digna senhora de requerer a introdução do processo, e ela o fez, como dizem os historiadores, com notável energia e constância. O processo sensacional foi solenemente inaugurado aos 7-12-1455, na majestosa catedral de Notre Dame de Paris.

Ao todo foram registrados 150 depoimentos, recolhidos em diferentes lugares, principalmente em Domrémy, terra natal de Joana, Orléans, Paris e Rouen.

Notemos logo o que o biógrafo Sven Stolpe estranhamente não reconhece: a grande diferença deste processo do anterior. Num proceder criminosamente injusto e ilegal, o primeiro processo repudiara todas as testemunhas honestas e procurara arditamente inculpar a acusada ignorante por suas próprias respostas. Neste segundo processo, a acusada nem podia ser ouvida, mas ouviam-se todas as pessoas prontas a depor, também as contrárias a Joana. Todas eram livres e prestaram

depoimentos sob fé de juramento. Assim graças a este proceder consciencioso possuímos tão ricas e seguras informações sobre acontecimentos que ocorreram numa época em que o senso crítico dos cronistas mal distinguia entre verdade e ficção.

Um dos primeiros atos da comissão encarregada do processo foi o convite dirigido ao “partido acusado”. Em sessão de 20-12-1455, foi lida a seguinte declaração de Jacques de Rivel, sobrinho do Bispo Pierre Cauchon: “Em meu nome e em nos demais herdeiros e procuradores do falecido Mestre Pierre Cauchon, Bispo de Beauvais: declaro que não penso estar interessado na causa, e que não tenho a intenção de defender a justiça do processo condenatório, nem os julgamentos que ocasionou... Se Joana fosse do partido adversário (inglês), nunca teria sido entregue ao tribunal...”

Cautelosamente Rivel continua: “Declaro expressamente que o processo não pode prejudicar nem a mim, nem aos co-herdeiros e procuradores do falecido Bispo de Beauvais, graças à generosa anistia que foi garantida por nosso rei, desde a libertação da Normandia. Peço, senhores, que não nos citeis mais, porque é nossa resolução não mais comparecer”.

Aos 16-2-1456 outro representante do partido adversário declarou não ter interesse na defesa, nem se opor ao libelo (acusatório) que, entretanto, fora elaborado. A partir deste momento não aparece mais o partido do bispo.

É principalmente das testemunhas do segundo processo que conhecemos as qualidades extraordinárias de Joana d'Arc, que a distinguem desde a sua juventude até a morte. As declarações já foram usadas no correr da nossa narração. Resta ainda completar o quadro histórico por traços característicos, tributando honra merecida à vítima de infandas calúnias e explicar o que as manobras ardilosas do primeiro processo deixaram confuso e incompreensível.

Nos depoimentos de tantos e tão diferentes observadores encontramos forçosamente algumas repetições. Reunimos os múltiplos textos escolhidos num conjunto orgânico. Seguem os depoimentos.

## CAPÍTULO III

### JUVENTUDE E ÉPOCA GUERREIRA

- Quando Joana fora trazida a Rouen, chegou ali também um conterrâneo dela. Fora incumbido de recolher informações na pátria dela e trouxe o resultado ao Bispo de Beauvais. Mas este o injuriou, chamando-o de “traidor”. O mesmo confessou não ter averiguado nada, não ter descoberto nada que não tivesse desejado ver na sua própria irmã (Jean Moreau).

- Soldados esconderam-se numa emboscada para se apoderarem dela..., mas quando iam executar o plano, foi-lhes impossível locomover-se. Assim Joana continuou pacificamente sua viagem para o rei... (Bispo de Meaux. Tais boatos, verídicos ou não, aumentaram muito a fama de Joana).

- Eu creio que Joana foi enviada por Deus. Pensem que o rei e seus súditos não tinham mais esperança alguma! Ao contrário todos pensavam em abandoná-lo.

- Lembro-me ainda que perguntaram a Joana por que trazia um estandarte. Respondeu que não queria usar a espada, pois não queria matar ninguém. (Prof. Seguin).

- Ela era muito frugal. Muitas vezes comia só um pedaço de pão durante todo o dia. Nunca tomava mais de duas refeições.... Na sobriedade ninguém a superou.... Durante o ataque a Jargeau parei um momento num certo ponto. Joana avisou-me que saísse do lugar, apontando para uma catapulta inimiga. Afastei-me e logo depois um soldado foi morto no mesmo lugar (Duque d'Alençon).

- Disseram-lhe: Nunca se viu aventura parecida com a tua; não se lê nada de semelhante em livro algum. Ao que respondeu: “Meu Senhor (Deus), tem um livro em que

nenhum clérigo jamais leu, por perfeito que seja no seu clericato” (O confessor de Joana, Jean Pasquerel).

- Todos admiravam seu recato. Caso dado sabia ser sumamente enérgica. O cavaleiro nobre Raimond Macy quis lhe tocar o peito, mas viu-se repelido com força. - Pela mesma razão um alfaiate apanhou uma sólida bofetada (R. Macy; J. Mareei).

- Repelia honras. Trouxeram imagens para ela as tocar. Joana disse rindo: Tocai vós mesmos, vossos dedos são iguais aos meus... (M. Touroulde. - No processo condenatório afirmaram mentirosamente que ela tivesse faltado por vaidade e orgulho).

# CAPÍTULO IV

## OS ADVERSÁRIOS

**Nota.** Para o que segue convém lembrar ao leitor, menos versado em história, que não se trata de política contemporânea. Hoje a França e Inglaterra estão unidas e defendem em comum seus interesses políticos e econômicos. O “ódio dos ingleses”, tantas vezes mencionado nesta história, é um fato que ocorreu há mais de quinhentos anos, e sua menção não pode ser omitida, para não tornar incompreensível toda a narração. De modo algum, a nossa finalidade é suscitar novos rancores.

- Joana fizera maravilhas e os ingleses são geralmente supersticiosos; assim eles pensavam que ela estivesse possesa pelo demônio... e planejavam sua morte (Prior Th. Marie).

- Denunciaram-me como favorável a Joana... receei por minha vida (P. Miget). - Quanto aos assistentes e demais conselheiros, creio que não ousavam resistir, porque não havia ninguém que não tivesse medo (G. Manchon). - N. Houppevill foi lançado à prisão por não querer participar do processo. Ninguém ousava dar conselhos a Joana, por medo dos ingleses (M. Ladvenu). - Vários que não queriam assistir ao processo tiveram de fugir (R. Grouchet).

- O Bispo de Beauvais podia prender Joana numa prisão eclesiástica, mas permitiu que desde o começo do processo até a execução da sentença fosse atormentada e cruelmente maltratada na prisão secular. Os assistentes julgaram conveniente pô-la na prisão eclesiástica, “Mas não, disse o bispo, não o farei”, por medo dos ingleses (Padre Massieu).

- Quando levava Joana à sala do tribunal, e passando diante da capela, eu lhe permitia fazer ali oração. Algumas vezes surpreendeu-me d'Estivet que dizia: “Patife! Atreves-te a permitir que esta meretriz excomungada se aproxime do santuário. Mandarei fechar-te durante um mês numa torre, onde não verás nem sol nem lua...” (P. Massieu). - Mestre

Jean d'Estivet, o promotor do processo, era um sujeito mau, e servilmente dedicado aos ingleses (Boisguillaume).

# CAPÍTULO V

## FALSIFICAÇÕES

- Dois ou três secretários do rei inglês anotavam, ou pretendiam anotar as declarações de Joana, omitindo o que servia para sua defesa e justificação. Quando alguma resposta não era do agrado de Mgr. de Beauvais e dos mestres, eles me proibiam de anotá-las... Várias vezes os juízes queriam me obrigar a usar locuções diferentes, alterando o sentido das suas palavras. Falavam em língua latina para não serem compreendidos por Joana (Manchon).

G. Prévosteau, advogado do segundo processo, redigiu 27 pontos, relativos ao processo anterior, dos quais citamos: Ponto 15.... Todas estas declarações (de Joana) foram supressas pelos ingleses e seus auxiliares, até provocaram nas atas do processo falsificações mentirosas. - Ponto 18. O texto original francês foi traduzido defeituosamente para o latim, privado de muitas declarações favoráveis a Joana e provido de acréscimos mentirosos. - Ponto 22. O processo e julgamento são injustos porque não deu a Joana a possibilidade de defesa em matéria tão grave.

## CAPÍTULO VI

### IRREGULARIDADES ESSENCIAIS

No segundo processo foi constatada uma gravíssima irregularidade nas atas do primeiro. Todas as acusações, os pretensos “crimes” de Joana tinham sido condensados, como vimos, em 12 artigos e sobre estes se baseou finalmente a sentença condenatória. Mas o secretário honesto Manchon tinha apostado anotações corretivas a quase todos os artigos, apontando numerosas falsificações e exigindo correção delas. Mas as correções não foram feitas, e a condenação de Joana repousava integralmente num documento cientemente falsificado. Além disto, consta que Joana nunca o viu, nem teve ocasião para se defender. Esta revelação é a mais chocante e degrada o processo e a condenação a um qualificado e clamoroso crime, a uma verdadeira farsa jurídica.

- Outra grave irregularidade foi cometida no momento da execução. Sem sentença do tribunal secular Joana foi entregue ao carrasco, com a ordem: “Cumpra teu dever” (Frei Y. de la Pierre). - Eu julgo que não procederam corretamente. Pouco depois um malfeitor foi também relaxado ao braço secular; foi trazido para a sala do tribunal e condenado ali pela justiça civil, não entregue tão de improviso à pena capital (O juiz André Marguerie). Vemos que os inimigos de Joana nem acharam necessário fazer um simulacro de legalidade. Jean Lefèvre constatou certo dia que os juizes cansavam demais a acusada e continuavam a atormentá-la, embora pudessem contentar-se com as respostas dadas. Mas foi apostrofado: “Cala-te!”

- Segundo minha opinião as perguntas eram difíceis demais para condenar Joana pelas suas próprias palavras; porque era uma pobre e simples menina, que aprendeu a custo o Pai Nosso e a Ave-Maria (Frei M. Ladvenu).

- Sujeitaram Joana a interrogatórios por demais difíceis, sutis e cavilosos; os presentes, grandes sábios e senhores bem instruídos, só teriam respondido com dificuldade, pelo que vários assistentes murmuravam (Y. de la Pierre).

## CAPÍTULO VII

### PRUDÊNCIA DE JOANA

Uma impressão quase indelével ficou gravada em todos os assistentes pelas respostas quase inspiradas da inculta menina. Ouçamos alguns dos múltiplos testemunhos.

- Suas respostas eram espirituosas e prudentes. O Abade de Fécamp (o grande inimigo de Joana) me disse que um grande sábio poderia ter tropeçado e caído nos difíceis interrogatórios. O que, pois, dizer dela que não conhecia o proceder jurídico? (Juiz R. de Grouchat). - Nunca vi uma mulher desta idade causar tanta perplexidade aos juízes (Jean le Sauvage, O. P.).

- Ouvi dizer que Joana dava respostas maravilhosas e tinha uma memória admirável.... Avisou uma vez que já fora examinado sobre a mesma matéria, havia oito dias, e que tal fora sua resposta.... Contestaram-na. Mas averiguando a resposta daquele dia, viram que Joana tinha razão. Em caso tão difícil, creio eu, ela teria sido incapaz de se defender – ela só contra os ilustres sábios - se não fosse inspirada (Manchon).

Ouçamos ainda uma resposta da espirituosa menina. Alguém perguntou se jamais estivera num combate em que foram mortos ingleses. Respondeu: “Por Deus! Sem dúvida! Com que ingenuidade falais! E por que não se retiraram da França? E por que não voltaram à sua terra?” Entre os presentes estava um senhor feudal inglês. A estas palavras exclamou: “Em verdade uma mulher valente! Oxalá fosse inglesa! ” - Não! Não há doutor tão sábio e perspicaz que não ficasse consternado e embaraçado diante de tantos mestres e semelhante assembleia (Jean Tiphaine).

## **CAPÍTULO VIII**

### **SUJEIÇÃO À IGREJA**

No processo instruído com a única finalidade de condenar a odiada antagonista dos ingleses, Joana foi maliciosamente enredada por perguntas insidiosas sobre a sujeição à Igreja, como vimos. Foram anotadas suas respostas menos acertadas e omitidas suas declarações de sujeição e de apelação ao Papa e ao Concílio de Basileia. Também do crime de insubmissão ela foi luminosamente absolvida no processo de reabilitação.

Na lista de 27 artigos de G. Prévosteau, baseado em depoimentos fidedignos, rezava o número 14: “Além disto, Joana afirmava durante o processo, como também fora dele, sua sujeição à decisão da Igreja e do Santo Padre, o Papa”. E o ponto 16: “Joana nunca negou sujeição ao julgamento da Igreja, também da Igreja Militante”. O ponto 17 constata que o próprio promotor do processo condenatório reconheceu a falta de conhecimento de Joana a respeito da Igreja; opinava que Igreja significava os clérigos presentes, servidores dos ingleses. Afirma ainda o ponto 10 que os ingleses se apresentavam de noite como aparições aconselhando perfidamente a Joana a não se sujeitar à Igreja se quisesse escapar à morte.

Uma informação instrutiva e clara nos é fornecida pelo juiz Richard de Greuchet: Quando, no correr do processo, perguntaram a Joana se queria sujeitar-se ao Bispo de Beauvais e outros assistentes especialmente designados, ela respondeu: Não. Queria sujeitar-se ao Papa e à Igreja Católica e pediu ser lhes apresentada. Quando lhe propuseram que as atas do seu processo pudessem ser enviadas ao Papa e submetidas à sua decisão, declarou: “Não, não quero que se faça, porque não sei o que vós introduzis

nas atas; quero ser apresentada ao Papa e ser examinada por ele”.

Resposta luminosa e de admirável sabedoria, que por si só desfaz todas as tramoias dos perseguidores. Joana soube portar-se impecavelmente durante o processo, não só pelas brilhantes respostas, mas especialmente pela ortodoxia dos seus sentimentos e afirmações. Eram genuínas profissões de fé, que só a impudente malícia podia desvirtuar e deturpar em rebeldia contra a autoridade legítima, constituída por Deus.

## **CAPÍTULO IX**

### **MÁRTIR DA VIRGINDADE**

Acima ouvimos que depois da sua abjuração, Joana voltou aos trajes masculinos, o que lhe foi imputado como recaída e causou sua execução. Mas como em tantas outras circunstâncias, as atas do primeiro processo velam a verdade que apreendemos de várias testemunhas do segundo processo. Vejamos os textos:

- A Pucelle me confiou que depois da abjuração foi atormentada e espancada horrivelmente na prisão; um inglês, até de nobre linhagem, tentou violá-la. Foi por esta razão que vestiu de novo trajes masculinos. Também o declarou publicamente. Quando se aproximou o fim, disse ao Bispo de Beauvais: “Ai! Morro por vós, porque se me tivésseis internado numa prisão eclesiástica não estaria aqui” (Frei Martin Ladvenu).

- Quando Joana tinha prestado a abjuração, ela perguntou ao presidente em que lugar devia permanecer. O presidente respondeu: No castelo de Rouen (a antiga prisão). Foi reconduzida para lá. Vestia de novo trajes femininos. Tornada relapsa teve que justificar-se perante os juizes. Nisto o próprio (juiz) Mestre André Marguerie correu grande perigo, por dizer que convinha perguntar a Joana por que motivo voltara aos trajes masculinos. Um inglês arrojou a lança e queria transpassar o mestre. Muito assustados, Marguerie e os outros fugiram (Jean Massieu).

Pelos depoimentos citados do segundo processo e outros que omitimos, apreendemos, portanto, a verdade. Joana não reassumiu os trajes proibidos como símbolo da sua retratação, nem propriamente por causa da prisão secular, como insinuam as atas do primeiro processo, mas por causa do perigo que nesta prisão corria sua virtude e integridade.

Aqui a heroína da Igreja e da França se elevou ao fastígio da heroicidade. Sabia que enfrentava a morte e na realidade ela foi decretada em consequência desta mudança de trajes. Se conservasse a roupa feminina, já não a teriam inquietado, qualquer que fosse sua disposição interna. Mas antes a morte do que a violação! Joana d'Arc, já reconhecida durante a vida como a Pucelle, a Virgem, é a vitoriosa Mártir da Virgindade.

# CAPÍTULO X

## MORTE DE JOANA

Todos que presenciaram o martírio de Joana tiveram indeléveis impressões que se refletem nas declarações, feitas longos anos mais tarde.

- Logo depois da morte de Joana veio ter comigo o carrasco. Tinha milagroso arrependimento e profunda contrição e estava completamente desesperado, temendo que nunca mais pudesse alcançar graça, perdão ou indulgência perante Deus. O carrasco disse: “Quando executava um criminoso nunca tinha tanto medo, como na queima da virgem... Estava atada cruelmente no poste, porque os ingleses construíram um estrado tão alto que eu não a podia alcançar, para abreviar seus sofrimentos”. Ele muito o lamentava e estava repleto de grande compaixão.

- Já nas chamas ela invocava sem cessar e até o fim com alta voz o nome de Jesus, em seguida implorava constantemente o auxílio dos santos do paraíso. E finalmente, em sinal de fervorosa fé em Deus, conseguiu proferir o nome de Jesus, quando já inclinava a cabeça e rendia o espírito, assim como lemos de santo Inácio e de outros mártires. (Estes testemunhos são dos padres Ysambert de la Pierre e Martin Ladvenu, que assistiram a Joana até a morte).

- Joana foi queimada viva. Não vi a cena, porque meu coração não o teria aguentado, tanta compaixão sentia por ela. Quase todos murmuravam que era grande maldade. Pude ouvir Mestre Jean Tressart, secretário do rei inglês, voltando da execução, lamentar o que fizeram a Joana e o que acabara de ver. “Estamos todos perdidos, disse, queimamos uma santa!” Acrescentou: “Creio que sua alma está nas mãos de Deus, porque em meio das chamas não cessava de invocar o nome de Jesus”. Depois da morte os

ingleses mandaram recolher as cinzas e lançá-las ao Sena: tal era o medo de que Joana lhes pudesse escapar ou que alguns pudessem crer que lhes tenha escapado (Cidadão Pierre Cusquel).

- Quando ela estava morta, os ingleses mandaram diminuir as chamas, para que os presentes pudessem ver que Joana tinha falecido, e ninguém contasse que lhes tivesse escapado. Mestre Jean Alespée, cônego de Rouen, estava a meu lado. Ouvi-o dizer com lágrimas: “Queira Deus que minha alma estivesse ali, onde creio que está agora a dela” (Cantor Jean Riquier).

# CAPÍTULO XI

## REABILITAÇÃO

Depois de ouvidas as numerosas testemunhas, nos vários teatros da vida de Joana d'Arc, o inquisidor e juiz Jean Bréhal redigiu uma extensa sinopse, a “Recollectio” do processo. Apontou em nove capítulos todos os defeitos jurídicos, e em mais doze capítulos os cruéis maus tratos, intimidações, injustiças, falsificações e calúnias e a iníqua sentença final do processo condenatório. Conhecemos em resumo o conteúdo, pelo excerto dos depoimentos dado acima.

Os legados do Papa estudaram esta obra de duzentas páginas. Nos portais de Rouen foi afixado um convite aos adversários da reabilitação. Não comparecendo ninguém, foi fixado o dia 7 de julho de 1456 para o solene pronunciamento da sentença. Estava presente também Jean d'Arc, irmão da sentenciada.

Do ato solene reproduzimos as conclusões:

DECLARAMOS PRIMEIRO que os doze artigos, no processo arrogado, a base da sentença pronunciada contra a falecida, constituem um resumo mentiroso, falso, aleivoso, astuto, malicioso do pretense processo, porque calam a verdade, são falsos em vários pontos essenciais, induzindo em erro os juízes e assistentes, e os declaramos inválidos, revogados e anulados...

DECLARAMOS SEGUNDO, publicamos, mandamos e ordenamos que o dito processo e seus julgamentos, eivados de malícia, falsas acusações, injustiça, mentira, erro judiciário notório, da mesma forma a abjuração feita por Joana, e todas as manipulações e efeitos eram, são e serão ilegais, inválidos e nulos.

No que toca a Joana, seus defensores e parentes, não incorreram por ocasião dos fatos mencionados nenhuma nódoa ou vergonha e dela sejam isentos e livres...

\*\*\*

Estava restituída a honra de uma das mais puras glórias da humanidade, da França e da Igreja Católica. Parentes e amigos da Pucelle levantaram a cabeça, livres da vergonha que os cobrira. Toda a França despertou de um oprimente pesadelo, fora restituída a honra nacional e da casa reinante.

A desonra caíra também sobre os frades pregadores, detentores daquela instituição em cujo nome se cometera o nefando assassínio jurídico, a Inquisição. Agora dois frades se congratulavam de levar as atas da reabilitação, junto com a auspiciosa notícia, ao Santo Padre Calixto III em Roma.

Toda a França entrou em festa, sendo as solenidades mais entusiásticas e significativas celebradas em Orléans e Rouen. Até hoje estes teatros principais da glória, aniquilação e reabilitação da heroína, são os mais fiéis na sua comemoração.

Em nosso século a humilde pastorinha de Domrémy recebeu a maior homenagem de que pode gozar em terra um ser humano. Aos 9 de maio de 1920, aniversário da libertação de Orléans, o Papa Bento XV elevou Joana d'Arc à honra dos altares, enumerando-a entre os santos canonizados, os grandes heróis da Igreja. Terra e Céu admiram e honram a Guerreira, Virgem e Mártir Santa Joana d'Arc.

## EPÍLOGO

A vida e sorte extraordinária de Joana d’Arc, vidente e mártir de um tribunal ilegal, poderia despertar várias dúvidas à que já aludimos no decorrer da narração. Para maior clareza achamos útil acrescentar aqui algumas explicações em resposta a objeções que se podem fazer.

### DE QUEM ERAM AS “VOZES”?

Sabemos pela Sagrada Escritura, pela doutrina da Igreja e pela própria razão, que Deus pode comunicar-se à sua criatura. Ele fez revelações destinadas a toda a humanidade, depositadas na doutrina da Igreja Católica. Também existem revelações feitas a pessoas particulares. Enquanto as primeiras são garantidas pela Igreja infalível, permitindo-nos aceitá-las sem perigo de erro, as segundas não gozam de infalibilidade.

Joana d'Arc via luz, distinguia vultos venerandos trazendo coroas de ouro, ouvia-lhes as vozes. Estava convencida de que estas aparições vinham de Deus. Na mesma época apresentavam-se também outros visionários, propalando pretensas revelações, cientemente inventadas, ou frutos de fantasia exaltada ou doentia. Justa prudência aconselhou ao rei mandar examinar Joana por pessoas experimentadas e fidedignas.

Considerando a vida edificante de Joana, seu juízo são e equilibrado, o conteúdo digno e santo de suas revelações, os juízes informaram o rei que podia confiar em Joana, mas ninguém considerou suas visões como provadas e absolutamente certas. Seguiam as normas da Igreja que recomendam cautela com as revelações particulares. Tais comunicações divinas dirigem-se só às pessoas agraciadas e não exigem necessariamente o assentimento dos outros. A Igreja não se pronuncia sobre sua origem e veracidade nem

as impõe à nossa aceitação; só em raros casos, declara que concordam (ou não) com a fé católica.

Os contemporâneos e a posteridade constataram com admiração que um por um se verificaram os eventos futuros, preditos por Joana. Por isso admitem muitos que a vidente era realmente inspirada por Deus. Outros o põem em dúvida ou, como todos os descrentes, negam-no redondamente. Taxamos de imprudentes estas opiniões, mas a Igreja não nega a ninguém o direito de sustentá-las e aceitar. Cada um é livre de aceitar ou rejeitar a genuinidade e sobrenaturalidade das “vozes” de Joana d'Arc.

Convém salientar aqui a imensa diferença entre as “vozes” da vidente de Domrémy e o que pretendem ouvir os médiuns espíritas.

Deus inspira, pela graça, pensamentos e resoluções salutareis a todos os homens, de preferência aos batizados. Mas só raríssimas vezes Ele ou seus anjos e santos falam com voz audível a almas escolhidas. Portanto já a frequência das manifestações espíritas prova a sua origem espúria.

No nosso caso a escolhida de Deus era de vida exemplar, de constituição sadia, isenta de alienações e perturbações nervosas, recebendo as visitas santas em pleno dia, em estado de calma e recolhimento. O que mais distingue suas visões é a sua dignidade e a previsão do futuro, ultrapassando todas as possibilidades da ciência ordinária. A vidente não se preparava num horário marcado para se pôr em transe e assim tomar contato com o outro mundo. Tudo diametralmente oposto ao que se passa na escuridão das sessões espíritas, onde pessoas, frequentemente de vida dúbia, de nervos abalados, em “transe” de caráter patológico, afirmam ter comunicações com pessoas defuntas, comunicações as mais das vezes fúteis e ridículas, só casualmente certas, quando se atrevem a predizer acontecimentos futuros.

Segundo a doutrina católica, baseada na revelação divina, as almas dos defuntos estão ou no céu, ou no inferno, ou, temporariamente, no purgatório. Deus proíbe a evocação dos mortos. “A pessoa que se dirigir a espíritos ou adivinhos para se prostituir com eles, eu voltarei contra ela a minha face, e a cortarei do meio do meu povo” (Lev. 20, 6). Por conseguinte, Ele não permitirá que as almas apareçam nas sessões espíritas e reuniões semelhantes, onde se contraria a ordem divina.

Das almas finadas devemos distinguir os demônios, anjos caídos e condenados ao inferno. Com permissão divina os demônios podem tentar os homens. Os únicos espíritos que poderiam intrometer-se nas sessões espíritas são, portanto, os demônios, mas sua influência é “demoníaca”, nefasta, causando a desgraça temporal e eterna dos participantes. Muitos, entretanto, admitem que nas sessões espíritas realmente nunca aparecem espíritos.

As raríssimas aparições de santos não têm nada em comum com evocações mediúnicas e fazem-se por ordem divina, em circunstâncias que patenteiam sua dignidade e caráter sobrenatural. Leia-se a vida de Bernadette Soubirous, a vidente de Lourdes, ou as aparições de Nossa Senhora em Fátima.

## **A IGREJA, SUA INFALIBILIDADE E PODER JUDICIÁRIO**

Joana d'Arc foi acusada e condenada pelo crime de insubmissão à Igreja. Os testemunhos relatados no texto provam a improcedência da acusação. Acrescentamos ainda alguns esclarecimentos sobre a Igreja, sua definição e algumas características relacionadas com o famoso processo de Rouen.

### **O que é a Igreja?**

Com este nome designamos a reunião de todos os fiéis do mundo, que aceitam a doutrina de Jesus Cristo e, junto com os seus curas de almas, obedecem aos bispos e ao Santo Padre, o Papa. O Papa é o chefe supremo da Igreja. Todas as seitas que se chamam cristãs, mas não obedecem ao Papa, não pertencem à verdadeira Igreja de Deus (a Igreja Católica).

### **Quais são os ofícios da Igreja?**

A Igreja tem os ofícios de ensinar e propagar a doutrina que Jesus Cristo revelou, e de pastorear e santificar os fiéis.

### **Quem representa a Igreja?**

Sendo o chefe universal da Igreja, o Papa também a representa, e não pode haver autoridade eclesiástica independente da papal. Na própria diocese, o bispo ligado ao Papa, representa a Igreja. A Igreja Universal pode ser representada ainda pela reunião de bispos, vindos de várias regiões, incluindo o próprio chefe o Papa, presente em pessoa, ou por um legado seu. Sem a autoridade do Papa, semelhante reunião ou “concílio”, não pode representar a

Igreja. No tempo de Joana d'Arc estava reunido em Basiléia, Suíça, um Concílio Universal.

### **A Igreja possui direitos judiciais?**

Como o estado civil, também a Igreja necessita para sua conservação o direito de julgar (castigar, excluir) membros prejudiciais. Dentro da sua esfera, muitas sociedades particulares, até desportivas, procedem da mesma forma. O poder judiciário é exercido pelo Papa em toda a Igreja e pelo bispo em sua diocese. Este poder é eclesiástico, não civil, tendo como objeto crimes contra a religião: pecados, erros contra a fé, indisciplina contra os superiores eclesiásticos.

### **Podia o bispo Pierre Cauchon instaurar um processo em Rouen?**

Pierre Cauchon era Bispo de Beauvais e não de Rouen. Por conseguinte, só poderia ser juiz eclesiástico com a autorização recebida de uma autoridade eclesiástica competente (Papa, legado do Papa, bispo de Rouen...). Podemos supor que a obteve. Existia, porém naquele tempo, por instituição papal, um tribunal eclesiástico, a Inquisição, para julgar os crimes contra a fé. Juiz era o inquisidor, diferente do bispo. Para dar a sentença era prescrita a colaboração do inquisidor e do bispo. Mas o inquisidor tinha desaparecido, sem deixar substituto, o que tirava a Cauchon a possibilidade de instruir um processo legítimo. A autorização que recebera dos ingleses era inválida, porque leigos não podem dar jurisdição eclesiástica, tão pouco como um bispo pode nomear um juiz civil. Portanto a ação de Cauchon contra Joana d'Arc era inválida. O tribunal apresentava ainda outras irregularidades, denunciadas, como vimos, pelo jurisconsulto Lohier.

### **Joana d'Arc devia sujeitar-se ao tribunal reunido por P. Cauchon?**

Em vista da ilegalidade do proceder, Joana não tinha obrigação de se sujeitar. A sentença proferida contra ela era inválida, além de injusta.

**Quem executava a pena máxima, que naquele tempo era a morte na fogueira?**

Depois da condenação os réus eram entregues ao poder civil, que os executava.

**Se a Igreja é infalível, como pode errar um tribunal eclesiástico?**

A infalibilidade da Igreja não se estende a seus tribunais. Infalível é o Papa e o Concílio Universal junto com o Papa, quando declaram verdades da fé e da moral para toda a Igreja. Jesus Cristo prometeu a São Pedro, aos apóstolos e sucessores a assistência do Espírito Santo para impedir que toda a Igreja caísse em erro. Esta assistência não é necessária para os casos particulares, como os processos jurídicos. Em geral os processos eclesiásticos, hoje fora de uso, eram conduzidos com grande circunspeção e conscienciosidade, o que não impedia erro ocasional, como no célebre processo contra Galileu Galilei. O tribunal de Rouen era ilegal. Seus erros não podem ser imputados à Igreja.

**Como se pode explicar que tantos homens eclesiásticos participaram do processo injusto e escandaloso de Rouen?**

As razões aparecem no correr da narração. Muitos dos assessores julgaram o processo justo, vendo em Joana uma adversária da causa inglesa, aceita como justa e legal. Outros só assistiam obrigados pela força. Esta atitude era sem dúvida uma fraqueza reprovável. Pierre Cauchon, o Abade Fécamp e talvez mais alguns assistentes patentearam uma disposição criminosa que não tem

desculpa. Não deve ser esquecido que muitas pessoas se negaram a participar do processo.

A verdadeira farsa jurídica encenada por ódio político virou contra seus autores, cobrindo-os de infâmia indelével. Todos os esforços para aniquilar a defensora da França e seu rei tiveram o efeito contrário de revelar ao mundo uma grandeza d'alma cuja glória nunca esmorecerá.

# APÊNDICE

## CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES SOBRE JOANA D'ARC

**1407.** Possível ano do nascimento de Joana assentindo ao decreto de São Pio X (06-01-1904).

**1411.** Possível data de nascimento de Joana, de acordo com as conclusões de suas declarações.

**1412 (6 de Janeiro).** Possível data de nascimento de Joana mais aceita e defendida.

**1420.** Carlos VII é ilegitimado do trono.

**1422.** Proclama-se Rei da França o inglês Enrique VI, enquanto Carlos VII proclama-se Rei da França de forma nominal.

**1423.** Jacques Darc paga a proteção de Domrémy a Robert de Sarrebruck.

**1424 (possivelmente em julho).** Aparecimento das vozes pela primeira vez, segundo ela mesma.

**1425.** Incursão relâmpago dos inimigos em Domrémy.

**1428:**

**Julho.** Domrémy volta a ser atacada pelos borguinhões de Henri de Orly. Os habitantes fogem para Neufchâteau.

**13 de maio.** Segundo Poulengy, Joana foi procurar Baudricourt.

**Outubro.** Cerco de Orleans.

**Final do ano.** Possível nova entrevista entre Joana e Baudricourt.

**1429:**

**Janeiro.** Joana convence Baudricourt em Vaucouleurs a dar-lhe uma escolta para ir a Chinon.

**13 de fevereiro.** Data aproximada em que Joana inicia o trajeto para Chinon.

**Fevereiro.** Joana teria passado por Auxerre.

**Fevereiro.** Joana teria passado por Gien.

**22 de fevereiro.** Certamente Joana passou por Sainte Catherine de Fierbois.

**Por volta de 25 de fevereiro.** Joana encontra-se e se entrevista com o Delfim.

**28 de abril.** Joana chega a Chécý onde conhece o Bastard.

**29 de abril.** Joana entra em Orleans pela porta de Borgonha.

**30 de abril.** Disputas a gritos entre Joana e William Glasdale.

**1 de maio.** O Bastard abandona Orleáns em busca do Exército Real.

**3 de maio.** Joana assiste a procissão da Invenção da Santa Cruz, festa da catedral de Orleáns.

**4 de maio.** O Bastard volta com o Exército Real e ataca a pequena fortaleza de Saint Pouair.

**5 de maio.** Joana envia 3 cartas aos ingleses.

**6 de maio.** Joana atravessa o Loira e ataca Saint Jean Leblanc.

**7 de maio.** Joana é ferida em combate por uma flecha entre o ombro e o peito. “La Basque” toma-lhe o estandarte e Les Tourelles é recuperada.

**8 de maio.** Os ingleses tentam um contra-ataque, porém, finalmente, se retiraram.

**10 de maio.** O Delfim se reúne com Joana em Tours. O Bastard e outros iniciam os ataques em Jargeau.

**13 de maio.** O Bastard com outros se reúnem com Joana e o Delfim em Loches.

**De 13 de maio a 9 de junho.** Período que os armagnacs tomam para preparar os próximos cercos. Joana visita Orleáns e certamente Saint Florent lès Saumur.

**9 de junho.** Joana volta ao exército depois de um descanso em Jargeau com Alençon e Richemont; se encontram com Bastard e Illiers que vem de Châteaudun.

**10 de junho.** Início do cerco sobre Jargeau, vence-se uma pequena guarnição.

**11 de junho.** Jargeau é bombardeada pelos armagnacs.

**12 de junho.** Jargeau é libertada. Joana recebe uma pedrada em sua cabeça, recupera-se e toma a Suffolk como prisioneiro.

**13 de junho.** Prepara o ataque a Meung enquanto Sir John Fastolf traz reforços de Janville.

**14 de junho.** Ataca Meung.

**15 de junho.** Bombardeia Beugency.

**16 de junho.** Talbot une-se a Fastolf vindo desde Meung.

**17 de junho.** Os ingleses pactuam a rendição e fogem livremente. Beaugency é libertada. Vão a Meung onde são derrotados.

**18 de junho.** Batalha de Patay com vitória de Joana; importante derrota inglesa.

**25 de junho.** Provavelmente la Chevauchée passa por Gien.

**29 de junho.** Chega-se perto de Mézilles.

**1 de julho.** Supera-se o obstáculo de Auxerre.

**5 de julho.** Início das negociações entre o Delfim e a vila de Troyes.

**9 de julho.** Carlos VII é autorizado a entrar em Troyes.

**10 de julho.** Acabam as negociações e o exército entra na vila, afasta-se a defesa.

**12 de julho.** Chega-se a Arcy.

**13 de julho.** Chega-se a Châlons onde Joana se reencontra com conhecidos e amigos de infância.

**15 de julho.** Chega-se ao Castelo de Sept-Saulx, não muito longe de Reims. Reims rende-se diretamente.

**16 de julho.** Os armagnacs entram em Reims.

**17 de julho.** Carlos VII é consagrado Rei legítimo da França. Joana pede uma trégua ao Duque de Borgonha. Resultado: trégua de quinze dias.

**21 de julho.** Já sob o novo Rei, Joana submete a Corbeny.

**23 de julho.** Joana toma Soissons.

**27 de julho.** Joana submete o Castelo de Thierry.

**1 de agosto.** Acha-se Joana em Montmirail.

**6 de agosto.** Acha-se Joana em Provins.

**7 de agosto.** Acha-se Joana em Colummiers.

**10 de agosto.** Joana toma La Ferté-Milon.

**11 de agosto.** Acha-se Joana em Crépy.

**12 e 13 de agosto.** Carlos VII tenta o ataque direto a Paris fazendo um pequeno deslocamento a Lagny le-Sec e depois a Dammartin. Falha e volta a Crépy. Os desafios de Bedford.

**Aproximadamente em 18 de agosto.** Joana chega a Compiègne.

**21 de agosto.** Chega-se a uma trégua de quatro meses com os borguinhões, em troca de cidades. Também se prometeu uma Conferência de paz para a próxima primavera.

**23 de agosto.** Infringida a trégua (mera estratégia), Joana e Alençon caminham de Compiègne a Paris.

**25 de agosto.** Chegam a Saint Denis.

**7 de setembro.** O Rei reúne-se com os demais em Saint Denis.

**8 de setembro.** Ataca Paris pela porta de Saint-Honoré. Joana é ferida na coxa por uma flecha.

**9 de setembro.** Joana, ferida, volta a Saint Denis.

**10 de setembro.** Retirada efetiva dos armagnacs de Paris.

**11 de setembro.** O núcleo parisiense é abandonado, e se atravessa, entre outros, Provins e Montargis.

**21 de setembro.** O Exército Real se desfaz em Gien, Carlos VII queria um acordo.

**De setembro a outubro.** Joana passa este tempo na fortaleza de Mehun-surYèvre com a corte e prepara novos ataques.

**Final de outubro.** Joana se prepara para uma nova campanha e sai de Mehun.

**4 de novembro.** Joana toma Saint Pierre-le-Moûtier.

**20 de novembro.** Joana envia uma carta ao Rei por uma ofensa da parte de Catherine de La Rochelle.

**24 de novembro.** Inicia-se um cerco em La Charité onde se pedem reforços.

**25 de dezembro.** Depois da insuficiente resposta, Joana se retira de La Charité.

**1430:**

**Março.** Final de um período de tréguas. Joana retorna à cena.

**16 de março.** Joana envia uma carta aos cidadãos de Reims.

**23 de março.** Joana envia uma carta aos hussitas, provavelmente influenciada, acusando-os de hereges.

**28 de março.** Joana volta a enviar uma carta aos cidadãos de Reims.

**29 de março.** Joana conquista Lagny-sur-Marne.

**Abril.** Joana consegue sua última vitória militar contra Franquet d'Arras perto de Lagny.

**Possivelmente em 22 de abril.** Parece que as vozes que Joana escutava, em Melun, poderia ter anunciado que seria capturada antes de São João, 24 de junho.

**24 de abril.** Joana chega a Senlis onde espera reforços do Delfim. Até 14 de maio o que fez é um mistério, embora pareça que passou por Compiègne, Sissons e finalmente Compiègne.

**6 de maio.** A corte do Delfim reconhece o fracasso da sua última trégua que deu vantagem aos borguinhões.

**14 de maio.** Joana teria chegado novamente em Compiègne.

**16 de maio.** O duque de Borgonha, Felipe, toma a ponte de Choisy-au-Bac, cidade a cair. Seguiria para Verberie.

**De 17 a 21 de maio.** Joana passou por Crépy onde reuniu reforços.

**22 de maio.** Felipe, o Duque, chega e assedia Compiègne. Joana viajará de madrugada.

**23 de maio.** Um tipo de emboscada anglo-borgonhesa permite aos últimos a captura da Pucelle, agora propriedade de Jean de Luxemburg. Guillaume Flavy, capitão de Compiègne, será acusado de traição.

**De 23 a 27 de maio.** Joana, prisioneira, passa esses dias na fortaleza de Claroix.

**27 de maio.** Joana é transferida para Beulieu-lès-Fontaines.

**Entre 27 e 28 de maio.** Joana se reúne com o Duque de Borgonha. Não transcende nada.

**Junho.** Joana tenta escapar pela primeira vez da torre onde está como prisioneira em Beauvais.

**6 de junho.** Joana é transferida a Noyon para encontrar-se com o Conde de Luxemburgo, entre outros.

**22 de junho.** Famoso escrito de Pierre Cauchon ao Duque de Borgonha reivindicando a deportação de Joana.

**Final de junho, julho, agosto e setembro.** Joana passa o verão discretamente sob os cuidados e vigilância de três senhoras em Beaurevoir.

**18 de setembro.** A Duquesa de Luxemburg, moderadamente favorável a Joana, morre.

**De setembro a outubro.** Joana realiza sua segunda tentativa de fuga; sobrevive milagrosamente, porém falha.

**25 de outubro.** Compiègne, assediada é resgatada por Xantrilles, entre outros, como havia anunciado Joana.

**2 de novembro.** Discretamente, Joana começa sua deportação definitiva a Ruan. Chega a Arras.

**Novembro.** Joana é vendida aos ingleses por 10.000 libras turnesas.

**De 2 de novembro a 20 de dezembro.** Joana parte de Arras a Le Crotoy, onde sai no dia 20 de novembro, passando por Saint Riquier e Drugy.

**De 20 de dezembro a 24 de dezembro.** Joana chegaria a Ruan neste dia havendo passado por Saint Valéry, usando uma, de duas possíveis rotas.

**1431:**

**9 de janeiro.** Começa o processo de Joana, sem sua presença com algumas sessões preliminares que se estenderam mais de um mês.

**13 de janeiro.** Submete-se Joana a um exame médico. Anna Bavon confirma sua virgindade (parte da segunda sessão preliminar).

**23 de janeiro.** Terceira sessão preliminar.

**13 de fevereiro.** Quarta sessão preliminar.

**14 de fevereiro.** Quinta sessão preliminar.

**15 de fevereiro.** Sexta sessão preliminar.

**16 de fevereiro.** Sétima sessão preliminar.

**19 de fevereiro.** Oitava (manhã) e nona (tarde) sessões preliminares.

**20 de fevereiro.** Décima e última sessão preliminar. Joana é advertida que irá depor ao dia seguinte. Ela pede concessão, mas não foram aceitas.

**21 de fevereiro.** Joana inicia suas declarações em seu processo com um interrogatório de identidade.

**1 de março.** As vozes que Joana escutava poderiam ter anunciado seu destino final.

**15 de março.** Joana é interrogada sobre a Igreja militante.

**24 de março.** Joana é questionada sobre a vestimenta, e ela pede para celebrar o Domingo de Ramos, mas negam-lhe.

**25 de março.** Domingo de Ramos. Fisicamente não assiste, espiritualmente, sim, como anuncia o processo.

**Entre 27 e 28 de março.** Thomas de Coucelles lê os 70 artigos em que se baseiam a acusação formal de Joana.

**27 de março.** Faz-se uma proposta a Joana consistente em entrar na Igreja Militante. Ela rejeita.

**31 de março.** Joana volta a ser questionada sobre a Igreja Militante, a qual contesta do mesmo modo.

**De 2 a 4 de abril.** Os 70 artigos são resumidos em 12.

**5 de abril.** Os 12 artigos são tramitados para consulta, porém, não a Joana. Fazem-se algumas propostas, ignoradas. Joana fica profundamente doente por conta de um veneno que foi posto na comida.

**18 de abril.** Joana, em um estado médico deplorável, pede a Confissão, e em seguida, a Eucaristia.

**2 de maio.** Joana se recuperou de toda a enfermidade em um processo lento. Assim, se retomam as sessões do processo. São lidos os 12 artigos aos quais ela não responde nada.

**9 de maio.** Joana é ameaçada de tortura; levam-na a sala de torturas para que veja os instrumentos aterrorizantes.

**12 de maio.** Por 11 votos a 3, é desestimada a opção de torturar Joana. Os ingleses perdem a paciência e exigem uma aceleração definitiva do processo.

**23 de maio.** Joana recebe uma de tantas admoestações por parte de Pierre Cauchon, que lhe adverte sobre o destino de sua morte.

**24 de maio.** Joana é levada para Saint Ouen; convencem-na para que se vista de mulher e assine a abjuração onde ela nega suas crenças. Os ingleses se desesperam.

**28 de maio.** Joana aparece vestida de homem. Possivelmente os ingleses deram roupas de homem que ela teria que colocar à força, ou bem o faz por vontade própria; Joana está sentenciada.

**29 de maio.** Última deliberação sobre Joana na Capela do Arcebispo de Ruan.

**30 de maio.** A opção mais plausível indica que Joana é condenada à morte, e será queimada na fogueira a partir das 9h.

**7 de junho.** Pierre Cauchon, juiz principal de Joana, mostra uns documentos misteriosos provavelmente manipulados.

**Segunda parte do ano.** Morre Jacques Darc, possivelmente por conta da depressão causada pela condenação de Joana.

**Novembro.** Finalizam-se as edições e cópias do processo de Joana.

**1435:**

**10 de dezembro.** Definitiva aliança armagnac-borgonyona (Tratado de Arras) O Rei recebe Paris.

**1436:**

**20 de maio.** Segundo outra linha historiográfica, Joana reaparece em Metz; é a futura Jehanne des Armoises. Poderia ser uma impostora em busca de dinheiro.

**2 de setembro.** Crê-se que a “reaparecida” Joana, recebe o sobrenome “des Armoises” contraindo matrimônio com Robert des Armoises.

**1437:**

**12 de novembro.** Carlos VII entra em Paris.

**1439:**

Jehanne des Armoises chega a Orleans onde recebe 2 milhões de retribuição em agradecimentos da cidade.

**1440:**

A suposta Joana é possivelmente recebida em audiência por Carlos VII que não havia reconhecido e assim teve que se retratar em público.

**1442:**

**14 de dezembro.** Pierre Cauchon morre dessangrando.

**1449:**

Diversas teses postulam que Jehanne des Armoises morre, o que seria a segunda possível data de morte de Joana (para quem defende esta tese). À parte, Ruan é capturada por Carlos VII.

**1450:**

**13 de fevereiro.** Carlos VII pede uma revisão sobre o processo de Juana la Pucelle.

**1453:**

**17 de julho.** A Guerra dos Cem Anos acaba magistralmente com a vitória do partido francês graças ao Mestre Artilheiro Jean Bureau.

**1455:**

**1 de junho.** A Igreja com o Papa Calixto III, abre uma investigação sobre o processo de Joana.

**7 de novembro.** Isabelle, a mulher de Jacques Darc, dá o seu consentimento para iniciar o processo de reabilitação ou de anulação.

**1456:**

**12 de maio.** Guillaume Manchon, um dos juízes do processo de condenação de Joana, declara agora a favor, convertendo-se em uma das testemunhas cruciais, pelas provas legais que fornece.

**7 de julho.** Joana é oficialmente reabilitada.

**1457:**

Aparece outra Joana, desta vez Jehanne des Sermaises em Anyou. Ela vai em busca de recompensa, e não se descarta que talvez seja a mesma de antes. Se lhe acusa de utilizar o nome de “la Pucelle de Orleans”, mas desaparece definitivamente.

**1550:**

**Possivelmente em outubro.** Acredita-se que Robert de Fournier reclama os hipotéticos privilégios nobiliários que tem como suposto descendente de um dos irmãos de Joana. Acredita-se que poderia ser um impostor segundo os registros.

**1576:**

Um poema anônimo de Orleães põe sobrenome pela primeira vez em Joana; se trata de “d’Arc”, sobrenome do pai.

**1600:**

Parece que Charles du Lys, faz como Robert de Fournier em 1550. Também poderia tratar-se de um impostor.

**1869:**

É ponderada a opção de fazer Santa a Joana; proposta aprovada.

**1909:**

**18 de abril.** O Papa Pio X beatifica Joana.

**1920:**

**16 de maio.** Bento XV canoniza Joana; portanto, Santa Joana “d’Arc”.

**1922:**

Joana é declarada padroeira nacional da França.

**1931:**

**30 de maio.** Celebração do 500º aniversário da morte de Joana, considerada a oficial, com elogios do Arcebispo de Westminster.



# NOVENA A SANTA JOANA D'ARC

*Coloquemo-nos na presença de Deus e O adoremos.*

*Pai nosso, Ave Maria e Glória ao Pai.*

## **Ladainha de Santa Joana d'Arc.**

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Pai celeste que sois Deus, *tende piedade de nós.*

Filho Redentor do mundo que sois Deus, *tende piedade de nós.*

Espírito Santo que sois Deus, *tende piedade de nós.*

Santíssima Trindade que sois um só Deus, *tende piedade de nós.*

São Miguel, enviado por Deus, *rogai por nós.*

Santa Catarina e Santa Margarida, mensageiras do céu,

Santa Joana, glória de Lorraine,

Santa Joana, cuja inocência e humildade atraíram os olhares do céu,

Santa Joana, favorecida por aparições celestes,

Santa Joana, escolhida por Deus para uma grande missão,

Santa Joana, fiel na execução da vontade Divina,  
Santa Joana, forte e submissa nas provações,  
Santa Joana, cuja confiança em Deus é invencível,  
Santa Joana, virgem guerreira,  
Santa Joana, que salvou a honra da Pátria,  
Santa Joana, donzela de Orleans,  
Santa Joana, modelo de paciência e heroísmo,  
Santa Joana, fortalecida pela Força divina,  
Santa Joana, mártir pelo vosso Rei, vossa Pátria e vosso Deus,  
Santa Joana, esperança dos que confiam em vós,  
Santa Joana, modelo da juventude católica,  
Santa Joana, modelo de vida,  
Santa Joana, amante de Nossa Senhora,  
Santa Joana, que amou e viveu da Eucaristia,  
Santa Joana, mensageira do Rei dos céus,  
Santa Joana, obediente ao chamado de Deus,  
Santa Joana, fiel à sua vocação,

Santa Joana, consoladora dos prisioneiros,  
Santa Joana, socorro dos pobres,  
Santa Joana, luz dos exércitos,  
Santa Joana, heroica nas provações,  
Santa Joana, estandarte da Fé,  
Santa Joana, virgem patriota,  
Santa Joana, anjo da Paz,

Santa Joana, apóstolo da Realeza de Cristo,  
Santa Joana, sustentáculo da Santa Madre Igreja,  
Santa Joana, modelo e padroeira das virgens,

Santa Joana e Nossa Senhora Aparecida, *Salvai a Igreja!*  
Santa Joana e Nossa Senhora Aparecida, *Salvai o Brasil!*

## **OREMOS:**

Ó Deus, que tendes o costume de escolher os mais humildes para manifestar Vosso Poder, concedei-nos, pela intercessão de vossa Serva Santa Joana d'Arc, as graças que imploramos de Vossa misericórdia. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém

## **Oração à Santa Joana d’Arc**

Santa Joana d’Arc, que no momento em que Deus vos chamou fizestes pleno uso de vossa liberdade para fazer a Sua Santa Vontade com humildade e obediência, fazei-nos compreender que a oração, o silêncio, a perseverança na confissão e no terço diário e a assistência à Santa Missa nos permitem viver nesta confiança sem limites e neste abandono que vos permitiu guardar em paz vossa alma, até mesmo nos momentos mais difíceis.

Que a vosso exemplo estejamos sempre prontos a responder ao chamado de Deus com uma obediência repleta de amor, certas de que Deus nosso Pai nos dará sempre a graça de realizar o que Ele nos pede.

Vós crestes em Deus e salvastes vossa Pátria devolvendo-lhe sua liberdade, sua grandeza e seu rei. Nos também cremos que hoje, com a vossa ajuda e a graça de Deus, nossa Pátria será salva do demônio e dos homens que procuram sua perdição.

Guardai nossa alma sempre livre de toda mancha e da prisão do pecado para que possamos tornar nosso o vosso lema:

**DEUS EM PRIMEIRO LUGAR!** Amém.

**Santa Joana d’Arc, Rogai por nós.**



*Este livro acabou de ser impresso  
em 17 de maio de 2016, durante a festa de  
S. Pascoal Baylon, Confessor.*